

CULTURA DE CARDEAL DA SILVA: UMA BREVE VIAGEM ENTRE PASSADO E PRESENTE



MARIA APARECIDA SANTOS DE SOUZA



Secretaria Municipal de Educação e Cultura - 2021

Este Dossiê¹ Cultural foi integralmente patrocinado pela Ferbasa, através da Prefeitura Municipal de Cardeal da Silva, na gestão do Prefeito Antônio Augusto Sales de Jesus (2021-2024) e idealizado pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura para fins didáticos.

SOUZA, Maria Aparecida Santos de

Cultura de Cardeal da Silva: uma breve viagem entre passado e presente- 1ª edição. Revisada por Priscila Cardoso de Oliveira Silva- Cardeal da Silva, BA: Ed. da Autora, 2021.

Gráfica Millennium, 2021.

¹ Dossiê é uma coleção de informações relativas a um determinado assunto, engloba uma série de dados relacionados ao conteúdo abordado.



Dossiê:

Cultura de Cardeal da Silva - BA

Organização:

Secretaria Municipal de Educação e Cultura

Prefeitura Municipal de Cardeal da Silva
Praça Divina Pastora nº300,
CNPJ 14.126.254/0001-65
Telefone: (75) 3456 2113
CEP: 48390-000 Cardeal da Silva – BA



Organização:
Secretaria Municipal de Educação e Cultura

Patrocínio:
Ferbasa
Prefeitura de Cardeal da Silva
Prefeito Antônio Augusto Sales de Jesus

Preparação de texto e editoração:
Maria Aparecida Santos de Souza
(Mestra em Crítica Cultural)

Acompanhamento editorial:
Rita de Cássia Rodrigues Moreira (2017-2020)
Janice Maria da Conceição Ferreira (2021-2024)
(Secretária Municipal de Educação e Cultura)

Revisão linguística:
Priscila Cardoso de Oliveira Silva
(Mestra em Crítica Cultural)

Dossiê cultural
E-mail: seduccardeal2017@gmail.com
Site de internet: <http://pmcardealdasilvaba.imprensaoficial.org/>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Souza, Maria Aparecida Santos de

Cultura de Cardeal da Silva : uma breve viagem entre passado e presente / Maria Aparecida Santos de Souza. -- Cardeal da Silva, BA: Ed. da Autora, 2021.

Bibliografia.

ISBN 978-65-00-24885-2

1. Cardeal da Silva (BA) - História 2. Cardeal da Silva (BA) - Usos e costumes 3. Cultura - Cardeal da Silva (BA) 4. Festas religiosas - Cardeal da Silva (BA) I. Título.

21-69149

CDD-981.42

Índices para catálogo sistemático:

1. Cultura : Cardeal da Silva : Bahia : História 981.42
Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

Os conceitos emitidos são de absoluta e exclusiva responsabilidade da autora. Todos os direitos reservados à autora.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Colaboradores da pesquisa.....	09
Imagem 2: Samba de reza no Centro de Boiadeiro e Nanã.....	10
Imagem 3: Samba de roda Grupo Bravos do Samba.....	11
Imagens 4 e 5: Festa dos Orixás no Centro de Boiadeiro.....	13
Imagem 6: Missa de São Sebastião, Jangada.....	15
Imagem 7: Procissão de São Sebastião, Jangada.....	16
Imagem 8: Igreja Santa Rita de Cássia, Jangada.....	16
Imagem 9: Casamento de Francisco e Eulina Ribeiro.....	17
Imagem 10: Mascarados nas ruas de Cardeal.....	18
Imagem 11: Carnaval com o Trio Lixo.....	20
Imagens 12 e 13: Bloco das Lacraias	21
Imagem 14: Queima do Judas 2021	22
Imagem 15: Antônio Lins e o Prefeito Branco Sales.....	24
Imagem 16: Festejos em homenagem a Santo Antônio	27
Imagem 17: Quadrilha Junina de Cardeal da Silva Fogo na Saia.....	29
Imagem 18: Pau de Sebo no Jangada.....	30
Imagens 19 e 20: 2ª edição do Forró da Feira.....	31
Imagens 21 e 22: Caminhão do Forró do Tombo.....	31
Imagem 23: Camisas de alguns Forrós do Tombo.....	32
Imagem 24: Entrada do Forró da Chiquinha.....	33
Imagem 25: Forró da Chiquinha.....	33
Imagem 26: Quadrilha junina Cristo Rei no Forró da Chiquinha.....	34
Imagem 27: Praça do Jangada arrumada para os festejos juninos.....	34
Imagem 28: Quadrilha junina do Jangada.....	35
Imagens 29 e 30: Forró da Rua Nova.....	35
Imagem 31: Ex-prefeita Djalmira Improta (Mimira).....	36
Imagem 32: Apresentação da rainha, princesa e rei Momo da Micareta Cardinalense.....	37
Imagem 33: Bloco 100 Marido, Micareta Cardinalense.....	38
Imagem 34: Apresentação da Associação de Capoeira Filhos da Terra.....	39
Imagem 35: Grupo de Capoeira Arte Baiana.....	41
Imagem 36: Cavalgada da Padroeira Divina Pastora.....	43

Imagem 37: Cavalgada no Jangada.....	44
Imagem 38: Cartaz da vaquejada no Parque Antônio Albérico.....	45
Imagem 39: Vaquejada no Parque Antônio Albérico.....	46
Imagem 40: Festa da Igreja Divina Pastora - Mês de Maria-1970.....	46
Imagem 41: Mês de Maria-2012.....	47
Imagem 42: Coroação – 1984.....	48
Imagem 43: Igreja Divina Pastora.....	50
Imagem 44: Momento de despedida do Mês de Maria.....	51
Imagem 45: Encontro Evangélico em Cardeal na Marcha para Jesus.....	53
Imagem 46: Terreiro Onzó Kavuungo Kaiango D' Unzambe.....	54
Imagem 47: Festa de Saída de Muzenza (Iaô) e Makota (Eked) em Cardeal da Silva.....	56
Imagem 48: Festa de louvor do Caboclo Boiadeiro.....	57
Imagem 49: Área do Centro Boiadeiro e Nanã.....	59
Imagem 50: Festa do Caboclo Boiadeiro.....	61
Imagem 51: Área interna e externa do Terreiro Santa Bárbara.....	62
Imagem 52: Dona Rosa em devoção aos seus orixás.....	63
Imagem 53: Crianças no apóstolo de São Crispim e São Crispiniano.....	66
Imagem 54: Samba de reza na Festa de Dois.....	67
Imagem 55 e 56: As rezadeiras: Rosa da Cruz e Núbia Rosário.....	69
Imagem 57: Grupo de samba de roda Três Reis Magos.....	70
Imagem 58: Grupo de samba de roda Bravos do Samba.....	72
Imagem 59 e 60: Adão Correia de Papai Noel.....	73
Imagem 61: Baile das Pastorinhas.....	74
Imagem 62: Baile das Pastorinhas em apresentação natalina.....	76
Imagem 63: José Carlos Bomfim fazendo farinha.....	77
Imagem 64: Casa de farinha no povoado do Saco de Dentro.....	78
Imagem 65: Artesã Maria José, com palhas de licuri.....	79
Imagem 66: Mulheres artesãs na Associação das Mulheres Guerreiras.....	80
Imagem 67: Pedro Sanfoneiro e Banda AS.....	81
Imagem 68: Apresentação da Pérola Negra.....	82
Imagem 69: Sobre a autora.....	85

COLABORADORES

1. Abimael Ferreira da Cruz
2. Adão Correia da Silva
3. Alcides Torres Galvão
4. Aline Araújo
5. Ana Cleide Batista Santos
6. Ana Lúcia Batista dos Santos
7. Andrea Lima de Argolo
8. Antônio Brito Lins
9. Arlete Carvalho Bomfim
10. Carlos Alberto S. do Nascimento (Neguinho)
11. Carmelita Maria da Silva
12. Cecília Cristina Pinheiro Figueiredo
13. Célia Maria Improtá
14. Celso da Conceição Moreira
15. Daniel de Almeida Lima
16. Edineide Santos
17. Filomena Salmeiro de Argolo (Dona Filó)
18. Francisco Soares do Nascimento (Chico do Buzú)
19. Gilvan dos Santos de Araújo
20. Helena Ferreira dos Santos (Dona Anita)
21. Jandira Lima Oliveira
22. João Guimarães do Nascimento
23. José Alberto Soares (Zé Coelho)
24. José Luiz Gonzaga dos Santos
25. José Nivaldo Soares Marques
26. José Pereira
27. Jucileide Santos da Silva Serafim
28. Jurandir Gonzaga dos Santos
29. Lindaura Ferreira dos Santos
30. Maria Aurea Argolo
31. Maria Teresinha de Araújo Pimenta (Mary Pimenta)
32. Marinalva Ferreira dos Santos
33. Núbia Rosário dos Santos
34. Orestes Ferreira dos Santos
35. Regina Celeste Mendes de Araújo
36. Rosa da Cruz

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
INTRODUÇÃO	11
1 FESTA DE REIS	13
1.1 FESTA DE SÃO SEBASTIÃO DO JANGADA	15
2 FESTA DE DOIS DE FEVEREIRO	17
3 CARNAVAL	18
4 QUEIMA DE JUDAS	22
5 FESTAS JUNINAS: SANTO ANTÔNIO, SÃO JOÃO E SÃO PEDRO	26
5.1 SÃO JOÃO DE CARDEAL	27
5.2 FORRÓ DO TOMBO	31
5.4 FORRÓ DA PRAÇA	34
5.5 SÃO PEDRO DA RUA NOVA	35
6 MICARETA – FESTA DE EMANCIPAÇÃO POLÍTICA DE CARDEAL DA SILVA	36
7 A CAPOEIRA EM TERRITÓRIO CARDINALENSE	38
8 CAVALGADA - 7 DE SETEMBRO E PADROEIRA	42
9. VAQUEJADA	44
10 CULTURA RELIGIOSA	46
10.1 PRINCIPAIS FESTEJOS DA IGREJA CATÓLICA: O MÊS DE MARIA E A COROAÇÃO DA PADROEIRA DIVINA PASTORA	46
10.2 OS FESTEJOS EVANGÉLICOS EM CARDEAL DA SILVA	52
10.3 RELIGIÃO DE MATRIZ AFRICANA: OS TERREIROS DE CANDOMBLÉ DE CARDEAL DA SILVA	54
10.3.1 ONZÓ KAVUUNGO KAIANGO D' UNZAMBE	54
10.3.2 CENTRO DE BOIADEIRO E NANÃ (NAÇÃO UMBANDA)	59
10.3.3 TERREIRO DE SANTA BÁRBARA	62
11 FESTA DE DOIS	65
12 AS REZADEIRAS OU BENZEDEIRAS	69
13 SAMBA DE RODA DE CARDEAL DA SILVA	70
14 O NATAL	73
15 AS PASTORINHAS	74
16 A TRADIÇÃO DE FAZER FARINHA	76
17 ARTESANATO	79
18 EFERVESCÊNCIA MUSICAL EM CARDEAL DA SILVA	81
19 CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
REFERÊNCIAS	84

AGRADECIMENTOS

Gratidão a Deus pela sabedoria de um povo cultivar diferentes costumes e poder transformá-los em escrita, o que possibilita a travessia da tradição cultural para diferentes gerações.

Gratidão também à Prefeitura de Cardeal da Silva, na pessoa do prefeito Antônio Augusto Sales de Jesus, pela concretização do projeto de escrita cultural cardinalense; e a empresa Ferbasa por ter abraçado e financiado o referido Dossiê Cultural Cardinalense.

Agradecemos imensamente e de coração a todas as pessoas que contribuíram para a construção dessa memória cultural de Cardeal da Silva, principalmente às pessoas da comunidade que se dispuseram a compartilhar os saberes culturais da nossa terra de forma voluntária e amistosa.



Imagem 1- Colaboradores da pesquisa.
Fonte: Arquivo pessoal.

APRESENTAÇÃO

Cultura de Cardeal da Silva: uma breve viagem entre passado e presente é uma escrita que pode ser considerada um dossiê cultural do Município de Cardeal



**Imagem 2: Samba de reza no Centro de Boiadeiro e Nanã.
Fonte: Arquivo de Dona Ana Lúcia Batista.**

da Silva, principalmente no que tange aos conhecimentos culturais e a memória das manifestações. Possui uma linguagem simples e didática, visto que é uma escrita destinada ao público geral, mais precisamente aos alunos que compõem a rede de ensino municipal (fundamental). As informações aqui contidas são frutos da coleta oral de pessoas que fizeram/fazem parte de algum tipo característico de manifestação cultural do Município, por isso, a referida pesquisa pode conter falhas e versões variadas de uma mesma informação, justificadas também pelo fato de um mesmo conteúdo ser coletado por diferentes informantes. É importante lembrar que a maioria das manifestações de Cardeal da Silva reflete nos aspectos rurais, principalmente aquelas que ultrapassaram o período de 1962, ano da emancipação política de Cardeal, em que o Município deixou de ser vila e de pertencer a Entre Rios.

A construção desse Dossiê Cultural nasceu a partir da inquietação da Secretária de Educação e Cultura da época (2017-2020), Rita de Cássia Rodrigues Moreira, quando esta percebeu a falta de referência documental e informativa na área cultural de Município. A partir dessa percepção, eu, Maria Aparecida Santos de Souza, fui convidada pela então secretária a elaborar algo escrito que demonstrasse a história da cultura cardinalense, nascendo do diálogo entre nós duas à proposta de um mine projeto para construção desse Dossiê Cultural, versado pelas perspectivas dos próprios nativos.

A importância dessa pesquisa repousa na ideia de promover visibilidade da cultura de Cardeal da Silva através do levantamento das principais manifestações culturais do Município, o que valoriza as tradições que

marcaram e fizeram história na comunidade. Dessa forma, o referido Dossiê Cultural traz a trajetória das principais manifestações do Município que atravessaram períodos históricos, possibilitando o acesso da geração atual ao conhecimento da cultura local de forma mais detalhada. Essa ação pode fomentar a desconstrução de visões estereotipadas acerca dos diferentes fazeres culturais, ao passo que também instiga o autorreconhecimento dos sujeitos cardinalenses como parte do processo cultural.

INTRODUÇÃO



Imagem3: Samba de roda Grupo Bravos do Samba – 2012.
Fonte: Secretaria Municipal de Educação e Cultura – SEDUC.

A palavra Cultura lembra cultivar, devido ser inicialmente direcionada ao cuidado com a terra e seus elementos, ou seja, a agricultura, aos deuses e às crianças. Segundo Marilena Chaui (2006), a concepção de cultura antigamente era “fazer desenvolver alguma coisa, uma ação que conduz à plena realização das potencialidades de alguma coisa ou de alguém; é fazer brotar, frutificar, florescer e cobrir de benefícios”. Essa percepção foi sendo depreendida e o sentido da palavra cultura foi tomando forma de sinônimo de civilização, cujo

valor social era medido pela “evolução” das artes, ciências, técnicas filosofia, ofícios, etc, que hierarquizavam as sociedades.

A palavra cultura pode ser vista como uma crítica aos padrões sociais ou como mecanismo para modelar (civilizar). É importante pincelar que, devido às mudanças, cultura deixou de ser sinônimo de civilização e passou a ressaltar os traços das diferenças nacionais, passando a descrever os modos de vida das classes sociais, inclusive das populares. Terry Eagleton (2005) aponta que a cultura como crítica utópica, como modo de vida e como criação artística são ligadas pela diferente maneira que reagiram ao fracasso da cultura como civilização. É necessário ressaltar que a cultura como modos de vida adquiriu traços de civilização, mesmo tendo deixado de ser sinônimo de civilizar, de educar; já a cultura como crítica rompe a utopia condensada, mostrando a possibilidade de alcançar um futuro desejado, o valor da realidade.

A ideia de cultura passeia por vertentes que envolvem regras e autonomia, que inserem dentro de nós mesmos o refinamento e a matéria prima, os quais constituem o lado subjetivo que forma grupos de sujeitos inseridos em ambientes compartilhados por estes, já que cultura nos remete ao interior do indivíduo e ao meio exterior do ambiente vivido, ou seja, à maneira como o ser age e modifica a/na natureza. Assim, por fazermos parte da natureza e nos aproximarmos dela, nos permitimos ser “moldados à força, mas diferimos dela uma vez que podemos fazer isso a nós mesmos, introduzindo assim no mundo um grau de auto-reflexividade a que o resto da natureza não pode aspirar”. (EAGLETON, 2005, p. 15).

É importante pontuar que as culturas, de maneira geral, são formadas a partir de misturas, a partir de diferentes contatos entre grupos humanos, em ambientes diversificados, em um processo de desconstrução e reconstrução de saberes. Portanto, a cultura é a contínua interação entre os sujeitos e o meio em que eles vivem, mediante normas, costumes, tradições, que definem o comportamento das pessoas.

Sendo Cardeal da Silva um Município pequeno em densidade populacional e caracteristicamente rural, sua cultura repousa em diversas manifestações peculiares, principalmente nos festejos religiosos (com rezas, devoção de santos e cultos de matriz africana), nos festejos juninos, na tradição da Semana Santa (queima de Judas), no Carnaval (mascarados),

dentre outras. A catalogação dessas manifestações visibiliza as tradições do povo cardinalense e contribui para que a representatividade e a preservação da história local sejam mantidas. Dessa forma, não excluindo outros fazeres culturais de Cardeal da Silva, consideramos como principal retrato da cultura cardinalense as manifestações descritas neste Dossiê Cultural.



Imagens 4 e 5: Festa dos Orixás no Centro de Boiadeiro e Nanã.
Fonte: arquivo de Ana Lúcia Batista.

1 FESTA DE REIS

A festa de Reis Cardinalense ocorria no início do ano, mais precisamente no dia 06 de janeiro, na sede do Município, com missa em homenagem aos três Reis Magos, batizados e casamentos na igreja Divina Pastora, além de ter festas de largos com parques, feiras artesanais e os Cordões de Reis. Cabe ressaltar que esses três Reis Magos simbolizavam a humanidade, visto que cada um deles refletia a riqueza através da oferenda do ouro, a purificação mediante o incenso e a mortalidade através da mirra (planta). Essa tradição passou a ser realizada em Cardeal ainda quando a comunidade era Vila Divina Pastora e pertencia ao Município de Entre Rios,

nessa época, uma Senhora parteira por nome de Dona Teté tomou a iniciativa de organizar a famosa Festa de Reis. Conta-se que na década de 50, essa festa começava sempre com um grupo de homens e mulheres caracterizados de reis e rainhas (Cordões de Reis), os quais saiam em cortejo pelas ruas da comunidade cantando e tocando instrumentos de batidas², visitavam as casas, oferecendo os cânticos de reis e o dono da casa dava uma colaboração financeira para manutenção do grupo cultural. Nessa época, as ruas e a igreja matriz da comunidade cardinalense eram enfeitadas com lanternas e velas coloridas, pois naquela época não havia luz elétrica e a Vila teria que estar preparada para as homenagens aos Três Reis Magos.

Antigamente, por volta da década de 50, para anunciar o ano novo e também como prévia da Festa de Reis, era comum a comunidade da Vila Divina Pastora (atual Cardeal da Silva) se reunir em um grande grupo com instrumentos musicais que compreendiam entre pandeiros e tambores, para festejar as boas novas do ano novo. Nessa tradição, as pessoas cantavam pelas ruas “viva o ano novo, viva o povo brasileiro”.

Aproximadamente na década de 60, a Festa de Reis acontecia de forma segregada, já que depois do cortejo na praça a população cardinalense era dividida e separada em dois grupos conforme a classe social a que pertencia: as pessoas de maior poder aquisitivo e consideradas brancas do ponto de vista sociorracial se reuniam no espaço mais privilegiado da cidade, ou seja, no teatro Professora Maria José, onde tinham apresentações coreográficas dos Reis, bebidas e danças, tudo organizado pela então professora Maria José; já as pessoas mais humildes e consideradas negras eram convidadas pelo Senhor Adelino Mendes a festejar os Reis em sua casa, na Praça Divina Pastora. Na casa de Sr Adelino Mendes, a festa acontecia com som ao vivo de acordeom, os sanfoneiros tocavam a noite toda e as pessoas dançavam geralmente em pares ou círculos, acompanhados com bebidas quentes (licor, vinho, etc). No dia anterior à festa de Reis, o Teatro Maria José promovia as apresentações de peças, os denominados “dramas”, o qual era encenado questões ligadas a problemáticas da época, como por exemplo, a estrutura familiar patriarcal, o papel da mulher na família, o romantismo, dentre outros.

² Como instrumentos de batidas, referem-se a: pandeiros, tambores, triângulos, timbau, zabumba, etc.

Tal fato movimentava o teatro, devido à venda de ingresso, ao mesmo tempo em que promovia reflexões acerca de questões da realidade.

1.1 FESTA DE SÃO SEBASTIÃO DO JANGADA



Imagem 6: Missa de São Sebastião, Jangada - 2016.

Fonte: Prefeitura de Cardeal da Silva.

Nesse mesmo mês de janeiro, também ocorria no povoado do Jangada, mais precisamente no dia 20 de janeiro, os festejos do co-padroeiro São Sebastião, em que também havia missa, batizados e procissões. No dia anterior, geralmente acontecia o anúncio da atividade religiosa através da lavagem da igreja do Jangada, nessa lavagem, a comunidade católica se reunia para limpar e perfumar o ambiente religioso com muita água, alfavaca e pétalas de flores. Para incentivar a participação da população, são ofertados bebidas, doces e batidas de pandeiros. Na noite desse mesmo dia da lavagem, as ruas do povoado são tomadas por pessoas que visitam as famílias, realizando festas dançantes, com violão e sanfonas para anunciar as homenagens ao co-padroeiro São Sebastião. Eram comuns também, os leilões na igreja para arrecadar fundos em prol da manutenção da paróquia. Desde que foi iniciado na década de 1970 pelo então prefeito da época Francisco Xavier, juntamente com conterrâneo Joãozinho, esse evento passou a reunir muitas pessoas, inclusive de outros Municípios. Os dois iniciaram essa tradição

devido ambos serem devotos de São Sebastião e quererem expandir a devoção por esse santo as demais pessoas da comunidade do Jangada.

A procissão que faz parte da festa de São Sebastião do Jangada é feita após a cerimônia de



Imagem 7: Procissão de São Sebastião, Jangada-2017.
Fonte: Prefeitura de Cardeal da Silva.

batizados, sendo a última etapa do evento dentro da igreja. O cortejo segue pelas principais ruas do povoado, principalmente as que compõem a quadra em volta da igreja. A imagem do Santo São Sebastião é levada na frente do cortejo por quatro católicos, acompanhado por rezas e cânticos em devoção ao santo.

De acordo com o atual vereador Jurandir Gonzaga dos Santos, a igreja do Jangada, denominada Santa Rita de Cássia, é tombada pelo patrimônio cultural histórico devido sua estrutura secular ser preservada até os dias atuais, sendo umas das poucas com esse privilégio na região circunvizinha. Conta-se que a construção foi feita ainda em período escravocrata, pelas mãos dos escravizados, compondo em sua construção pedras e adobo³.



Imagem 8: Igreja Santa Rita de Cássia, Jangada – 2018.
Fonte: Prefeitura de Cardeal da Silva- PMCS.

³ Tijolo de terra crua feito com as mãos.

2 FESTA DE DOIS DE FEVEREIRO

Foi uma festa também proveniente do catolicismo cardinalense para homenagear a Santa Nossa Senhora das Candeias. O principal feito do Dois de Fevereiro cardinalense era os casamentos coletivos, chegando a realizar 12 cerimônias no mesmo dia, devido a dificuldade, na época, de acesso ao padre na comunidade. Além disso, na igreja também realizavam a missa matinal e batizado. Essas celebrações conjuntas destinavam-se mais precisamente às famílias de poucos recursos financeiros, que geralmente não tinham condições de arcar sozinhas com os custos do matrimônio. Constam na memória dos mais velhos alguns casais que celebraram sua união nessa época: Josefa da Silva e João Ferreira; Roxinha e Francisco; Roxa e Andrade; Anjo Gago e Maria José Alves; e Paulo da Hora e Mariana.

Já nas ruas havia as manifestações regadas por samba e festas dançantes nas casas de pessoas mais populares como: Sr João Carvalho, popularmente conhecido como Sr Janjão; Dona



Imagem 9: Casamento de Francisco e Eulina Ribeiro, em Cardeal, provavelmente na década de 50 - 60. Fonte: Andrea Argolo.

Lealdina Filomena de Assis Oliveira, conhecida como Professora Nazinha; Sr. Adelino Mendes e seu irmão Arténísio Mendes, dentre outras pessoas. Nessa época, após o casamento, era tradição as noivas retornarem na garupa do cavalo dos noivos para a casa dos pais, onde iam realizar, juntamente com os familiares e convidados, as bodas do casamento e ainda permanecia por vários dias na casa dos pais para só depois acompanhar o marido. A festa era a base de carnes em abundância, principalmente os assados de boi, porco, carneiro e os cozidos de peru. Tudo numa aparência rural e de estrutura popular. As festas de casamento de Dois de Fevereiro eram financiadas pela colheita de

fumo, pois nos anos 50 esse era um dos produtos agrícolas mais cultivados da região. Com isso, a maioria das famílias se preparava para organizar o casamento dos noivos no segundo mês do ano, visto que era uma época considerada farta devido a colheita, produção e venda do fumo de corda. Durante o evento, a comunidade recebia uma quantidade significativa de pessoas vindas das zonas rurais, trazidas em cavalos e carros de boi, pois esses eram os transportes mais utilizados.

Quando a festa de casamento acontecia na zona rural, era costume as ações dos chamados “Xeretas” ou “Arengueiros”, os quais tinham a função de encontrar os noivos no caminho. E levando fogos de artifícios e um pedaço de carne enfiado no garfo, os “Xeretas” ou “Arengueiros” anunciavam a chegada dos noivos com a explosão dos fogos, ao passo que o pedaço de carne no garfo era dividido no momento de encontro entre os “Xeretas” e os noivos.

Após a festa de Dois de Fevereiro, era comum o Município se preparar para receber os festejos carnavalescos. Assim, as ruas eram tomadas por pessoas mascaradas que anunciavam a chegada da época profana.

3 CARNAVAL



Imagem 10: Mascarados nas ruas de Cardeal, por volta de 2015 – 2016.
Fonte: Leandro Soares.

Não se sabe ao certo como o Carnaval de Cardeal da Silva foi construído, porém, segundo a nativa da comunidade e participativa nos festejos carnavalescos, Dona Carmelita da Silva, algumas pessoas na década entre 50 e 60 que ficavam em trânsito entre Cardeal e Salvador, como Sr Orlando Improta, Ângelo Correia, Domício Medeiros, Chiquinho Afonso, Argolo, Heracleides Machado (conhecido como Velho Heras), dentre outros⁴, traziam máscaras da capital, o que inicialmente assustou a população local, devido não ser comum, na época, o contato com pessoas mascaradas. Esses homens saíam às ruas e, depois da fase do susto, a população produzia um movimento de adivinhação para saber quais rostos estariam por trás das máscaras. Esse fato tomou o gosto da comunidade e anos seguintes, grupos nativos já produziam suas máscaras caseiras e iam para áreas escondidas da cidade com o objetivo de se mascararem e não serem reconhecidos, para poderem sair em direção a zona urbana e assim concretizar a tradição carnavalesca.

Ao saírem às ruas, os mascarados se juntavam a pessoas anônimas para formar os cordões ou blocos carnavalescos, onde saíam cantando e dançando pela praça principal. Dessa forma, permaneceu como atração profana, ou seja, como aquilo que rompe com as regras sagradas, o costume das pessoas se mascararem de forma a esconderem sua verdadeira identidade, sendo identificados por “Careta”, enquanto andam com máscaras e roupas inusitadas pelas ruas. Esse ato é iniciado aproximadamente quarenta dias antes da Semana Santa e dura até a última data do Carnaval. Nesse período, geralmente à tarde, as “Caretas” saem pelas ruas fazendo barulhos com chocalhos e buzinas para anunciar a chegada da festa profana.

Pelas memórias de Dona Filó, uma das moradoras mais antigas da comunidade e também professora leiga, nos anos 30, já havia essa tradição das caretas. Ela lembra que em sua infância presenciou esses mascarados perambulando pelas ruas da Vila Divina Pastora (atual Cardeal), entrando de casa em casa, tocando violas e assustando os moradores. Uma das cantigas reproduzidas pelas caretas, na época, representadas pelo Velho Heras e Zeca

⁴ Algumas pessoas apontadas neste dossiê são citadas apenas o nome, pois já faleceram ou não obtivemos informações sobre suas atividades em vida. Assim, para evitar equívocos, preferimos colocar apenas como eram chamados pelos depoentes.

Araújo, foi: “barrigudinho, barrigudão, saio na rua tocando violão”. A precursora também lembra que a cada ano, havia uma novidade no carnaval. Um fato que marcou essa festa no passado, já após a emancipação, foi a caracterização das caretas com nomes de lideranças da época: grupos de jovens iam para áreas afastadas da comunidade e, além das máscaras, colocaram nomes dos políticos da localidade nas costas de cada careta, designando assim, a caricatura dessas pessoas, o que provocou risos e diversão por onde passavam.

Em época de pouco acesso a bens materiais, a família Pimenta, muito conhecida e prestigiada politicamente na comunidade, deu sua contrapartida na permanência da tradição carnavalesca do Município. Os Pimentas traziam de Salvador os famosos pierrôs⁵, mortalhas e colares havaianas.

Nos anos de 1987, Sr Adão Correia e seu sobrinho Evanildo Silva (popularmente conhecido como Didinho), ambos moradores da Avenida São Roque e envolvidos em festejos populares, fizeram um movimento de representação da tradição carnavalesca, que há alguns anos estava adormecida no Município. Com apoio dos comerciantes da comunidade, os dois munícipes deram uma nova reconfiguração à festa, apresentando como aporte principal uma carroça toda enfeitada e amplificada com som, trazendo os



Imagem11: Carnaval com o Trio Lixo, por volta dos anos 2000. Fonte: Adão Correia.

idealizadores da festa fantasiados de figuras femininas, juntamente com um casal de rei e rainha, o que chamava atenção por onde passava. A carroça saía pelas ruas principais da cidade, animando e chamando o povo a acompanhar o cortejo, finalizando com parada oficial na Avenida São Roque,

⁵ Nome dado aos enfeites carnavalescos que são postos geralmente na cabeça.

em frente a casa de Sr Adão, onde a festa era sequenciada com som mecânico e exposição dos mascarados.

Entre os anos de 1997 a 2000 a carroça foi atualizada, passando a ser substituída por um meio de transporte motorizado, ou seja, fez parte da animação carnavalesca o Trio Lixo, que era uma espécie de caminhão comum enfeitado com luzes e adereços coloridos, este saía pelas ruas juntamente com a população, animando e puxando os foliões. O Trio Lixo comportava várias pessoas em sua carroceria, fazia o mesmo cortejo da carroça, com parada diferencial no Mercado Municipal, onde o evento continuava ao som mecânico.

Mais tarde, por volta dos anos 2001, com o apoio do comerciante local Cláudio Figueredo, foi inventado o Bloco das Lacraias, onde a expectativa era apreciar homens da comunidade vestidos de mulheres e mulheres caracterizadas de homens. O que mais chamava atenção e mantinha o sucesso das Lacraias era a forma exagerada com a qual os homens representavam a figura feminina, ou seja, as roupas extravagantes, maquiagem colorida, brincos e acessórios grandes, além dos calçados diferenciados. Posteriormente, o bloco das Lacraias foi evoluído para a denominação de Bloco das Muquiranas, que compreendia as mesmas características das Lacraias, com a especificidade de vestimentas mais sofisticadas, em que alguns foliões masculinos ousavam ainda mais, incrementando seu lado feminino com fantasias que retratavam as profissões mais exercidas pela mulher.



Imagens 12 e 13: Bloco das Lacraias – 2001. Fonte: Adão Correia/
Bloco das Muquiranas – 2011. Fonte: Alcides Galvão.

As imagens acima retratam um dos vários momentos de descontração e folia proporcionados pela festa popular do carnaval, a qual, em território cardinalense, não exigia muitos recursos para fazer a alegria do povo. Bastava um veículo, um som e muita criatividade para agitar o final de semana que antecedia a terça-feira carnavalesca. Os moradores se envolviam de forma direta ou indireta na folia, pois aqueles que não participavam dos blocos e das brincadeiras ficavam de expectadores e curiosos do evento. Vale lembrar que depois desse feito, a cidade passaria mais de um mês a espera do próximo agito, que era designado pela tradição da queima do Judas.

4 QUEIMA DE JUDAS



Imagem 14: Queima do Judas-2021.
Fonte: Prefeitura de Cardeal da Silva

A tradição de Queima do Judas acontece na noite do último sábado da Semana Santa, denominado Sábado de Aleluia, para demarcar o primeiro dia depois da crucificação e morte de Jesus Cristo e o dia anterior ao Domingo de Páscoa. A queima do Judas é uma cultura não só praticada em Cardeal da

Silva, mas em muitas cidades do mundo, simbolizando a morte do traidor de Jesus e o final da Quaresma, período de quarenta dias depois do carnaval, denominado Quarta-feira de Cinzas. Essa prática acontece no sábado, em obediência a sequência do ritual católico, pois na sexta-feira anterior ao Sábado de Aleluia há a visita dos católicos ao Senhor Morto, em que os fiéis cristãos se reúnem, em constantes orações sobre a encenação do velório de Jesus, no altar da igreja.

Antes da queima do Judas, na Sexta-feira Santa, à tarde, a comunidade católica participa de um cortejo através da Via-sacra, ou seja, os fiéis fazem uma caminhada ao redor da praça da matriz, acompanhando a representação das estações de penitência que Jesus sofreu até ser crucificado, depois há o retorno à igreja para adorar e rezar ao Senhor morto.

No dia seguinte (sábado) a essa vigília, os conterrâneos se reúnem na Praça da Igreja Divina Pastora para esperar a Queima do discípulo traidor de Jesus Cristo, o Judas Iscariotes. A figura do Judas é representada por um grande boneco de pano, com enchimento de capins, palhas de bananeira e bombas caseiras, que é colocado numa estrutura de forca para em seguida atirar fogo. A construção dessa tradição de Queima do Judas repousa na ideia de exterminar aquilo que é traiçoeiro a um povo, tudo que tem algum efeito maléfico a uma determinada população.

Em Cardeal da Silva, o ritual de extermínio é incrementado por trovas (poema breve e vulgar) sobre algum fato inusitado e cômico envolvendo moradores da comunidade cardinalense, servindo de deleite até chegar o momento oficial de acontecer à queima do boneco. Não se sabe ao certo quando essa inserção de trovas durante o ritual da vingança do Judas foi iniciada no Município, o que se tem na memória dos mais velhos cardinalenses é que os conterrâneos Pedro Gomes, Tolentino, Sebastião Soares, Fernando da Paz (Mangi) e Alves Pimenta colaboraram na perpetuação dessa tradição que mais tarde foi reproduzida por outros moradores influentes na cultura local, como Sr. Antônio Brito Lins, Antônio Direito, Adão Correia e Francisco Sales Correia da Silva. Essa tradição era produzida por escala, em que Antônio Lins e Antônio Direito faziam as trovas; o boneco do Judas era confeccionado por Sr Adão Correia e as bombas que anunciavam e firmavam o evento eram produzidas por Sr Sales Correia. Para dar início às trovas, o Judas era

apresentado ao público por nome de alguém da comunidade, depois era feito o inventário dos seus pertences, seguido da leitura do testamento para partilha dos bens, expondo os nomes dos moradores cardinalenses que herdariam a herança nada agradável do Judas.

São computadas no testamento do Judas coisas inusitadas, como cadela doente, gravata rasgada, roupas velhas, sapatos furados, carroça velha, jegue aleijado, cueca suja e furada, acessórios de cavalaria velhos, etc. Depois, o ritual é sequenciado com as trovas traduzindo as fofocas acontecidas entre moradores de Cardeal, que geralmente desagrade à pessoa atingida. Nesse caso, o Judas é aquele que traz a tona esses acontecimentos como forma de expor a pessoa e o problema, afirmando assim, seu título de traidor e fofoqueiro. Os temas das trovas geralmente envolvem assuntos ligados à política local, falsas amizades, bebedeiras, apelidos, dentre outros. Desde sua inserção como prévia no evento da Queima do Judas, foram elaboradas inúmeras trovas envolvendo diversas figuras da comunidade, dentre elas públicas e pessoas anônimas, com vários temas e rimas diversificadas. Podemos conferir alguns trechos de trovas que fizeram história na cultura do Judas e fizeram alegria da população cardinalense:



Imagem 15: Antônio Lins e o Prefeito Branco Sales na Queima do Judas- 2021
Fonte: Prefeitura de Cardeal da Silva

Trova de partilha dos bens do Judas (1981)

Como sempre é de costume
 Distribuir os meus bens
 Deixando pra meus amigos
 E aos que mais quero bem
 A minha velha espingarda
 Comprei não sei a quem
 Eu dou a Carlinhos de Sarafina
 Não deixo pra ninguém.

(Antônio Brito Lins)

Trova de fofoca (1991)

Meu primo Tito Araponga
 Sua sorte é mesquinha
 Aceite meu conselho:
 Deixe de cheirar calcinha
 Você não come da carne
 Mas bebe o caldo da galinha.

(Antônio Brito Lins)

Trova de abertura (2001)

Foi naquela noite sagrada
 Na última ceia do Senhor
 Que o espírito de Satanás
 De Judas se apoderou
 Ficando assim a história
 Celebrando a triste memória
 De Judas, o traidor.

(Antônio Brito Lins)

Trova de fofoca (2001)

Meu amigo Carlinhos Improta
 Tu prestes bem atenção
 O André Sebinho é discípulo

De Lucifer e do Cão
Te deixa andando de cócoras
Te dando várias bitocas
Em qualquer repartição.

(Antônio Brito Lins)

Trova de apresentação do Judas (2015)

Eu quero me apresentar,
Que está chegando o meu fim
O meu nome é Cocó
Porque me chamam assim
O meu pai é Zé Honesto
E meu avô é Valentim.

(Antônio Brito Lins)

Era de praxe, na tarde do dia da queima do Judas, o boneco do traidor circular pela cidade posto sobre um carro de som para ser apresentado à comunidade e ao mesmo tempo fazer o convite para o evento que aconteceria à noite. Nos últimos anos, a tradição de queima do Judas, juntamente com as trovas, deixou de ser frequente no Município devido à escassez de incentivo e colaboração, pois essa manifestação demanda tempo e recurso na organização e execução do evento. Entende-se que pelo fato da Queima do Judas ser uma atividade próxima aos festejos juninos, esta deixou de ser prioridade na agenda cultural do poder público.

5 FESTAS JUNINAS: SANTO ANTÔNIO, SÃO JOÃO E SÃO PEDRO

As festas juninas começam com a homenagem a Santo Antônio, organizada pela comunidade católica. Nesse período acontece a trezena, ou seja, treze dias de rezas e louvores ao santo casamenteiro, sendo que após essa devoção, os fiéis se reúnem do lado externo da igreja para festejar com comidas típicas, fogos e forró. Cada noite da trezena é designada uma família que recebe o título de mordomo, a qual tem a incumbência de organizar a

noite, incluindo a decoração da igreja católica, arrecadação de ofertório e organização da área externa para comemoração pós reza. Consta na memória de alguns católicos cardinalenses que, aproximadamente na década de 40, a noite da trezena mais ressaltada era 13ª, devido a esta ser direcionada a uma família de prestígio na comunidade, a família Férzola que era descendente de italianos e atuava no comércio alimentício local. A família Férzola preparava com entusiasmo a noite de sua incumbência e despertava grandes expectativas nos fiéis, pois além da ornamentação da igreja, a família oferecia para comunidade católica guloseimas, muitos fogos e prêmios para leilões. Após a última noite, a homenagem a Santo Antônio era sempre encerrada com a culminância da 14ª noite, com celebração de Missa e leilões.



Imagem 16: Festejos em homenagem a Santo Antônio – 2010.
Fonte: Alcides Galvão.

5.1 SÃO JOÃO DE CARDEAL

Em relação à festa junina de São João, conta-se que, até o final dos anos 80, essa festa era caracteristicamente rural, as pessoas faziam visitas caseiras nas roças para prestigiar fogueiras de amigos, degustar comidas e bebidas típicas, além de soltar fogos. Nessas visitas entre amigos e parentes,

as casas da roça recebiam um número maior de gente do que o habitual e as comemorações de São João eram a base de som de radiolas, sanfoneiros e violinista, os quais reproduziam músicas especificamente denominadas de forró pé-de-serra. Com a aglomeração de parentes e amigos, foram formados alguns arraiais nas zonas rurais, sendo os principais deles acontecidos no Candembá, na Fazenda Moreira de idealização de José Simões, conhecido como Sr. Dedé e na Fazenda São Bento, de organização de José Melquiades. No arraial da Fazenda São Bento, além do tradicional forró, também aconteciam apresentação de quadrilha junina, batizado de bonecas e casamento na roça.

Depois, com a pavimentação das ruas principais da cidade, houve a inserção de festejos de São João mais elaborados com montagem de arraial, em que era possível apreciar barracas de vendas, apresentação de quadrilha, dramatização de casamento da roça e shows com bandas de forró da comunidade. Um dos arraiais juninos mais comentados na cidade foi o Arraial do Piruzinho, promovido inicialmente para comemorar a construção do calçamento (pavimentação) da Praça Alexandre Barbosa, vulgo Rua do Piruzinho, por volta de meados da década de 90. Essa festa tornou-se tradição durante alguns anos, chegando a receber público de outras cidades devido à organização do evento. No ano de 1997, a Rua do Piruzinho deixou de ser palco dos festejos de São João, pois era lançado um novo espaço para acolher o evento, seria o Arraial de Cardeal, no Mercado Municipal, localizado na Praça José Osete de Carvalho. A caracterização do Arraial de Cardeal era similar ao antigo Arraial do Piruzinho, com a diferença de que havia bandas de músicos famosos nacionalmente e mistura de diferentes estilos musicais, pois não era apenas o forró que imperava no círculo junino, mas também a lambada e o pagode. É importante salientar que mesmo com a modernização dos festejos de São João, a tradição da fogueira continua mantida em homenagem ao nascimento de São João.



Imagem 17: Quadrilha Junina de Cardeal da Silva Fogo na Saia – 2012.
Fonte: Jaine de Souza Bomfim.

Na década de 90, o Povoado de Calçada também chamou atenção durante o período do São João. O festejo junino da Calçada despertava o interesse da população cardinalense, devido sua organização, atraindo para essa área as pessoas da sede e de outros povoados. Naquela época, era um evento de prestígio e considerado uma das festas rurais mais badaladas do ano, pois tinham várias apresentações de quadrilhas, coreografias, comidas típicas em abundância e forró até amanhecer o dia, além do voluntarismo dos sanfoneiros que era indispensável para animar o evento. É importante enfatizar que o São João de Calçada era idealizado pela Escola Municipal São José que funcionava no povoado. Sendo a única escola primária do local, a instituição organizava esse evento que se estendia aos povoados circunvizinhos; contava com o empenho das professoras, as quais solicitavam a colaboração financeira de fazendeiros, petroleiros e do poder público na promoção da referida festa.

Ainda para comemorar o São João, havia a promoção de várias brincadeiras, dentre elas; quebra pote, corrida de saco e pau de sebo, sendo esta última, a brincadeira que mais despertava a atenção da população: em forma de tronco de árvore fino, resistente, ensebado e com altura entre sete a oito metros, os participantes eram desafiados a subir até o topo para pegar o prêmio, que muitas das vezes era uma quantia em dinheiro e que ficava dependurado no topo da vara. A diversão era assistir aqueles meninos subirem e escorregarem gradativamente no pau.



Imagem 18: Pau de Sebo no Jangada - 1991. Fonte: Jurandir Gonzaga.

Outro festejo junino que marcou período foi o Forró da Feira. Entre os anos de 2017 a 2019, a prefeita da época, Mariane Mercuri, propôs uma nova configuração para celebrar o São João na Sede da cidade. Durante esses três anos, no mês de junho, a feira livre era transferida semanalmente de segunda-feira para domingo, na intencionalidade de, após as vendas das mercadorias, iniciar os festejos dentro do próprio espaço de vendas (mercado). Muitas vezes, os feirantes e fregueses ainda estavam em conexão comercial quando o forró começava a tocar, assim, aumentava o tempo e o fluxo de pessoas na feira livre, devido a atrações musicais. Tal fato possibilitou a geração de mais renda a algumas famílias, movimentando, assim, a economia local.

O Forró da Feira durava quatro finais de semana, sempre aos domingos, mas por alguma necessidade, às vezes, havia um ou outro episódio transferido para o dia de sexta. O evento acomodava, dentre muitas coisas, apresentações de bandas musicais regionais, muita dança entre os participantes, comercialização de comidas e bebidas típicas da época e distribuição gratuita de licor de jenipapo, o que atraía pessoas de outras cidades.



Imagens 19 e 20: 2ª edição do Forró da Feira- 2018. Fonte: Facebook da PMC.

5.2 FORRÓ DO TOMBO



Imagens 21 e 22: Caminhão do Forró do Tombo - 2007/
Forró do Tombo – 2012. Fonte: Ana Cleide Batista.

Outro evento junino que durante alguns anos ganhou destaque nas ruas cardinalenses foi o Forró do Tombo. Era assim designada a prévia do São João, em que várias pessoas com camisas padronizadas faziam um roteiro pelas principais ruas do Município, em cima de um caminhão todo enfeitado com adereços caipiras. O nome Forró do Tombo faz referência direta à forma como o evento acontecia: durante a trajetória pelas ruas, os participantes, postos no caminhão, recebem o molejo do veículo, onde tombam a cada freada proposital até chegar ao lugar de destino: ao Mercado Municipal.

O Forró do Tombo foi idealizado pelas professoras da comunidade Ana Cleide Batista, conhecida como Neneca, e Rita Moreira. Inicialmente, as duas professoras contaram com apoio de vários amigos voluntários, comércio local, lideranças políticas e poder público Municipal. A intenção em promover esse evento era exclusivamente animar a cidade e instigar a confraternização junina entre amigos, pois a festa não tinha fins lucrativos, ao passo que as camisas padronizadas davam um efeito de diferenciação àqueles que desejassem fazer o cortejo pelas ruas da cidade em cima do caminhão. O fomento desse festejo inusitado partiu do comentário de uma moradora de Cardeal da Silva durante um encontro entre amigas no barzinho. Na época, a moradora fazia permuta na cidade do Senhor do Bomfim, e lá acompanhou o forró junino feito mediante uma carroça. Dessa forma, o comentário viralizou entre as professoras Neneca e Rita Moreira, as quais deram uma nova reconfiguração à forma de festejar a prévia do São João, e colocaram a ideia de sair forrozeando pelas ruas da comunidade em prática, tornando-se algo esperado todos os anos pelos cardinalenses. Além do caminhão, faziam parte dessa folia um trio elétrico que levava o sanfoneiro, alguns foliões que acompanhavam com carros particulares e pessoas andantes.



Imagem 23: Camisas de alguns Forrós do Tombo. Fonte: Ana Cleide.

Após circular pelas ruas principais do Município, a aglomeração do Forró do Tombo se instalava no Mercado Municipal onde continuava a festa com várias bandas até o dia amanhecer. É importante ressaltar que o ex-vereador Cláudio Figueredo (em memória) foi umas das figuras políticas que mais contribuiu para perpetuação dessa cultura do Forró do Tombo.

5.3 FORRÓ DA CHIQUINHA



Imagem 24: Entrada do Forró da Chiquinha – 2010. Fonte: Alcides Galvão

O Forró da Chiquinha foi idealizado em 2009 pela prefeita da época Maria Quitéria de Jesus, nos dias que antecediam o Santo Antônio, compreendendo entre três à cinco dias consecutivos. Inicialmente, foi um festejo de grande estrutura que se instalava na Praça Cristo Rei ou na Feirinha, em Nova Pastora, chegando a receber público de várias cidades, devido aos grandes shows de artistas famosos nacionalmente que faziam parte da programação do referido evento. As atrações principais eram as bandas de forró eletrônico, no entanto inúmeros ritmos musicais também animavam o evento, a exemplo do sertanejo, do forró pé-de-serra e do arrocha. Além da diversão, o Forró da Chiquinha oportunizou a geração de renda e desenvolvimento econômico, pois eram distribuídas várias barracas entre as pessoas da comunidade para comercialização de produtos locais.



Imagem 25: Forró da Chiquinha-2012. fonte: Alcides Galvão.

Outro fato destacado no Forró da Chiquinha foi a visibilidade das quadrilhas juninas do Município e de outras localidades. A quadrilha junina Fogo na Saia foi referência pela nova reconfiguração coreográfica e de vestimentas com qual se apresentava no São



Imagem 26: Quadrilha Junina Cristo Rei no Forró da Chiquinha-2012. fonte: Alcides Galvão.

João. O Forró da Chiquinha teve o apoio do Ministério do Turismo e contava com diversos patrocínios, incluindo a Bahiatursa e empresas como Petrobrás, Ferbasa, Copener e a Rio Norte (representante da Schincariol).

5.4 FORRÓ DA PRAÇA



Imagem 27: Praça do Jangada arrumada para os festejos juninos – 2014. Fonte: Prefeitura de Cardeal da Silva.

No povoado do Jangada acontecia a principal comemoração junina denominada Forró na Praça, a qual foi idealizada por volta dos anos 80 pelo moradora Dona Margarida, com apoio do poder público da época. Esse festejo

é realizado todos os anos, nos dias 23 e 24 de junho, na Praça Xavier da Costa e conta com bandas regionais do tradicional forró pé-de-serra, reunindo conterrâneos e agregados de outras localidades cardinalenses. A estrutura é simples, caracteristicamente rural, com barracas de palha, fogueiras e muita dança ao som do forró.



Imagem 28: Quadrilha junina do Jangada – 2011. Fonte: Alcides Galvão.

5.5 SÃO PEDRO DA RUA NOVA

Para finalizar o ciclo dos festejos juninos, é comemorado o São Pedro na noite de 28 para o dia de 29 de junho. Essa última etapa é denominada a festa dos viúvos, pois os católicos que perderam seus parceiros ascendem a fogueira e, em volta dela, reúnem amigos e familiares para celebrar a data. Com o decorrer do tempo, nos anos de 1996, foi incluso como festejo junino de São Pedro o Forró da Rua Nova (Av. Santo Antônio), em que os moradores dessa rua preparavam o espaço para receber várias bandas e sanfoneiros da região. Nessa época, a Rua Nova é tomada por ornamentação de bandeirolas, palhas e bastante iluminação, as casas são abertas a receber amigos, com a tradição de servir bebidas típicas (licor, batidas, etc) e comidas da época (canjica, amendoim, milho, etc).



Imagens 29 e 30: Forró da Rua Nova com o cantor Helinho Marques - 2016. Fonte: Leandro Soares.

A ideia do Forró da Rua Nova partiu do vereador na época, Francisco Soares do Nascimento, popularmente conhecido como Chico do Buzu. No dia 28 de junho de 1996, ele reuniu-se com moradores da referida rua, amigos e representações políticas para dar início a esse evento, o qual mais tarde viraria tradição e incorporaria outros estilos musicais, pois além do forró, passou a fazer parte do repertório desse festejo o estilo musical do arrocha. A ideia desse forró surgiu devido à movimentação junina que ocorria na cidade, na época foi feito um desafio no Município para eleger o forró de rua mais animado e organizado. Fazia parte dessa competição o cenário junino, a forma como a festa estava organizada, quantidade de pessoas e animadores. A partir desse dia, a Rua Nova passou a reproduzir todos os anos, sempre no período de São Pedro, a festa caracteristicamente caipira e popular.

6 MICARETA – FESTA DE EMANCIPAÇÃO POLÍTICA DE CARDEAL DA SILVA

A Micareta é uma festa com características carnavalescas, em que a comunidade festeja a emancipação política da cidade. Nessa tradição, os foliões reúnem-se em blocos (cordão) e, com trajes semelhantes, percorrerem as principais ruas de Cardeal da Silva, acompanhado o trio elétrico e show de cantores ao vivo. A micareta cardinalense foi idealizada pelo prefeito Tiago Ferreira de Carvalho entre os anos 1984 a 1988,



Imagem 31: Ex-prefeita Djalмира Improtá (Mimira). Fonte: Célia Improtá.

com a vinda do trio elétrico Marabá. Nos anos seguintes, a festa foi reproduzida pela prefeita Djalмира Improtá, conhecida como Mimira, tornando-se mais uma tradição cultural do Município, tendo como atração principal o trio elétrico Valneijós e durava três dias, sexta-feira, sábado e domingo. Com a continuidade do evento pela então prefeita da época, Mimira Improtá, o evento

passou a ser anunciado através de preparativos, como a escolha da rainha e da princesa para festa do ano.

Na escolha da rainha e princesa da Micareta cardinalense, meninas do município interessadas pelo evento se inscreviam para participar do concurso de beleza. Além disso, havia também um representante masculino para esse festejo, e teria que atender ao padrão estético de “gordo e grande”, o chamado Rei Momo. Essa figura, inspirada na mitologia grega, rompe com os padrões de beleza imposta pela sociedade, através seu jeito esculachado e exagerado, trazendo à tona a micareta como espaço da zombaria e do delírio. A rainha, a princesa e o Rei Momo significavam na micareta cardinalense à liberdade de escolha, a beleza e o glamour da época festiva. Eles recebiam como prêmio algum objeto de valor financeiro e uma coroa que seria passada para os representantes da micareta do ano seguinte. Além disso, esses representantes tinham o prestígio de participar da abertura do evento na sexta-feira e desfilar em cima do trio elétrico durante a festa. As principais rainhas, representantes da Micareta ou festa de Emancipação Política de Cardeal da Silva foram: Marinilda Dias (1990), Ângela Argolo (1991), Anete Araújo (1992), Natali Azedo (2002) e Rafaela Oliveira (2012).



Imagem 32: Apresentação da rainha, princesa e rei Momo da Micareta Cardinalense - 1990. Fonte: Carmelita da Silva.

É importante enfatizar que nos anos de 90, 91 e 92 a Micareta Cardinalense foi embalada também pelo Bloco 100 Maridos, o qual tinha como pré-requisito para integrantes ser do sexo feminino, ser mãe ou casada. As

mulheres vestiam uma roupa denominada “mortalha”, um típico vestido folgado, colocavam uma máscara veneziana e agitavam as ruas com o “mamãe sacode” nas mãos. O Bloco 100 Maridos foi idealizado pela então Secretária de Educação da época, a Senhora Célia Improta, através do companheirismo entre funcionárias das escolas do Município que foram convidando, de boca em boca, outras mulheres, as quais, além de participar como membro, foram voluntárias financeiramente e na organização da formação estrutural desse bloco, hoje referência da história cultural do Município.

O local indicado para esse evento era sempre na área principal da cidade, a Praça Divina Pastora, onde era tomada por barracas que abastecia os foliões. Durante a Micareta, os foliões faziam o percurso que compreendia toda a quadra da Praça Divina Pastora, acompanhando o trio elétrico, os blocos e o embalo dos ritmos, os quais antigamente eram de axé e lambada. Era visível a massa feminina durante esse evento de rua que embalava toda comunidade. As

mulheres tinham grande representatividade frente à micareta, pois eram as principais mentoras para realização da festa, desde ornamentação, a participação direta nos blocos.



Imagem 33: Bloco 100 Marido, Micareta Cardinalese -1991.
Fonte: Marinalva Ferreira.

7 A CAPOEIRA EM TERRITÓRIO CARDINALENSE

A capoeira é, segundo Munanga (2006), uma expressão herdada do povo negro-africano que reúne música, poesia, festa e brincadeira numa forma de luta e ginga corporal. Essa manifestação, inspirada na briga entre animais, se firmou no Brasil pela necessidade dos negros se defenderem, já que não

tinham acesso à arma, dessa forma, o corpo passou a ser um instrumento de autodefesa e resistência contra o sistema escravocrata e de luta pelo direito à sobrevivência. “A dança, representada pela ginga do corpo, servia para disfarçar o caráter de luta, dando-lhe uma expressão lúdica e inofensiva” (MUNANGA, 2006, p. 119), o que despistava os senhores de escravos e os capitães do mato, levando-os a pensar que o povo negro estava apenas dançando ou praticando algum tipo de jogo.

A capoeira foi alvo de constante discriminação, sendo oficialmente proibida depois da abolição e liberada 44 anos depois da Lei Áurea⁶, ou seja, em 1932. O instrumento principal usado nessa manifestação é o berimbau, o qual inicialmente servia para avisar a proximidade de pessoas estranhas; depois foi incorporado como meio para controlar a sequência da dança (tempo, ritmo e forma).

Segundo José Alberto (vulgo Zé Coelho), funcionário público Municipal desde a década de 70, a capoeira foi introduzida em Cardeal da Silva no ano 1968, por um policial cujo nome era Vasconcelos, este apresentou as primeiras táticas dessa herança africana para a população do Município, o que conquistou o gosto dos homens. Conta-se que o policial, estando em horários vagos de trabalho, reunia-se na delegacia apenas com homens da localidade para ensinar-lhes os macetes da capoeira, pois naquela época os nativos não conheciam a prática dessa cultura.



Imagem 34: Apresentação da Associação de Capoeira Filhos da Terra – 2017.
Fonte: Secretaria Municipal de Educação e Cultura – SEDUC.

⁶ A Lei Áurea marcou o fim da escravidão no Brasil. Em maio de 1888, a Princesa Isabel assinou o então documento que libertava os negros do trabalho forçado, mas não assegurava os direitos humanos daquele povo. O Brasil foi o último país independente a acabar com este sistema.

Muito depois dos primeiros contatos com essa cultura na comunidade cardinalense, alguns grupos de capoeira foram criados, dentre eles o Grupo Senhor do Bonfim (1993), a Associação de Capoeira Filhos da Terra dos Orixás (2004), o Grupo Arte Baiana (2007) e o Grupo Filhos da Senzala (2017). Esses três últimos encontram-se em atividade, sendo que: a Associação de Capoeira Filhos da Terra está sob o comando do professor João Guimarães do Nascimento (vulgo João Cacete), tendo como mestre Missias; já o Grupo de Capoeira Arte Baiana é comandado por Sérgio Augusto Santos Soares e tem como mestres Saci e Pantera; e a Capoeira Filhos da Senzala vem sendo dirigida por Jhonny Cardoso, no Bairro de Nova Pastora, e tem como mestre Luciano. Esses grupos tem autonomia nas decisões e mantém a sequência de treinos configurada conforme a disponibilidade dos integrantes.

Segundo João Guimarães (vulgo João Cacete), depois que o policial Vasconcelos foi transferido de Cardeal, muitas pessoas só passaram a ter acesso à prática da capoeira pela televisão, exceto aqueles que trabalhavam em Salvador e podiam apreciar essa arte. Na década de 90, um grupo de amigos, dentre eles João Cacete, Zé Hamilton Soares, José Edvaldo Silva (vulgo Keller) e outros praticavam a capoeira no Riacho da Palmeira (as margens do Município), auxiliados por um livrinho em que descrevia passo a passo os golpes dessa arte, dessa forma, os amigos praticavam a capoeira de maneira independente, sem nenhum vínculo de incentivo.

Mais tarde, a prática foi se expandindo na comunidade cardinalense e por volta do ano de 1993, João Guimarães (vulgo João Cacete) trouxe um professor de capoeira da cidade de Entre Rios, o professor Cicinho, o qual passou a morar no Município e fundou o primeiro grupo oficial de capoeira, o Grupo Senhor do Bomfim. Com a formação desse grupo de capoeira, João Guimarães, Zé Hamilton Soares e José Edvaldo Silva (Keller) estenderam sua aprendizagem por 4 anos ao povoado de Pajaú, Município de Acajutiba. Em meados de 2004, novamente o precursor capoeirista João Guimarães fundou o grupo de capoeira Filhos da Terra dos Orixás, o qual foi registrado em 2008, como associação, ganhando visibilidade nos dias atuais.

Em março do ano de 2017, a Associação de Capoeira Filhos da Terra passou a fazer parte do Projeto Capoeira, que é um projeto educacional do

Município que contempla alunos da rede escolar. Nesse projeto, os treinos acontecem de forma contínua e intensa, já que o objetivo é construir a integração entre os alunos/capoeiristas, despertando, assim, sua autovalorização e consciência cidadã. Mesmo com esse avanço, a capoeira em Cardeal da Silva tem mais visibilidade no mês de agosto, devido às comemorações folclóricas, e no mês de novembro com as homenagens do mês da Consciência Negra. Nessas épocas do ano, os grupos são mais requisitados a fazer apresentações em feiras culturais, exposições, eventos escolares, etc. As apresentações são similares aos treinos: em forma de círculo, os participantes vão tomando as gingas; começa com o mestre abrindo a roda, pois é ele quem comanda as atividades, tocando, cantando e orientando os participantes, impedindo o jogo, caso ele esteja muito agressivo. É importante informar que a condição de mestre só é alcançada depois de muitos anos de prática na capoeira e demonstração de constante respeito para/com os demais participantes.

O grupo Arte Baiana também se tornou referência na manifestação cultural cardinalense, pelo fato de ser um grupo independente que faz da capoeira um meio de testar os limites do corpo, propondo aos jovens ensinamentos de respeito, educação, determinação e equilíbrio. Segundo o fundador da Arte Baiana, Sérgio Soares, o grupo tem grande relevância no Município devido contribuir para educação dos jovens, principalmente no resgate daqueles que se encontram em vulnerabilidade, sendo o grupo um lugar de integração e aprendizado. Sérgio relata que para manter a Arte Baiana acesa no território cardinalense, ele teve que abdicar de muitas coisas, inclusive propostas de emprego fora do Município. Além disso, o grupo vem enfrentando, desde sua fundação, dificuldades financeiras para se manter, no entanto,



**Imagem 35: Grupo de Capoeira Arte Baiana.
Fonte: Capoeirista Sérgio Soares.**

essa expressão cultural é forte e está conseguindo resistir aos obstáculos.

É relevante enfatizar que o grupo de capoeira Arte Baiana se destina ao público diversificado, principalmente a crianças e adolescentes com idade entre 05 a 18 anos. Tem como objetivo incentivar a prática e o respeito à cultura de matriz africana, promovendo a inserção social e o fomento de ações significativas aos alunos capoeiristas, no sentido de proporcionar equilíbrio nas relações interpessoais e disciplina psicológica.

8 CAVALGADA - 7 DE SETEMBRO E PADROEIRA

A cavalgada é definida como um passeio coletivo em que o principal meio de transporte é o cavalo. Grupos de cavaleiros e amazonas, entre crianças e idosos, participam dessa manifestação cultural para celebrar datas comemorativas ou feitos grandiosos na sociedade, sendo fomentada nas esferas religiosas, cívicas, de entretenimento, de esporte ou políticos. Outros meios de transporte, como bicicletas, motos e carros, também podem acompanhar o ritmo da cavalaria e incrementar ainda mais esse costume local.

Em Cardeal da Silva, a cavalgada passou a ser uma cultura esperada para comemorar a Independência do Brasil e a festa da Padroeira Divina Pastora. No Sete de Setembro, esse evento era denominado no Município de Cavalgada da Independência. Essa tradição começou em 2003, com Sr Adão Correia e o comerciante Cláudio Figueredo, inicialmente pela perspectiva política; depois passou a tomar o gosto dos cavaleiros e ser requisitada todo ano. O percurso da Cavalgada da Independência saía da Praça Divina Pastora, no Centro da cidade, e se direcionava ao bairro de Nova Pastora, onde faziam um rodeio pelas ruas, depois retornava à cidade, finalizando na Praça José Osete de Carvalho. A primeira cavalgada da Independência passou pelo povoado de Lagoa Redondo (Município de Entre Rios), antes de fazer o roteiro por Nova Pastora e chegar à sede de Cardeal.

Já a Cavalgada da Padroeira foi iniciada pelo Padre Fernando de Oliveira e Sr. Adão Correia, com o propósito de angariar fundos para manutenção da paróquia através de patrocinadores, vendas de camisetas e almoço. No domingo anterior ao final de semana que acontece a Festa da

Coroação da Santa, os membros da paróquia Divina Pastora promovem uma passeata, em que o principal meio de transporte seria o cavalo, não isentando a participação de outros meios de transportes. O grupo ia caracterizado com camisas padronizadas e faziam um percurso que compreendia entre ruas do Município, Lagoa Redonda, Nova Pastora e a Praça matriz. O cortejo de cavalos era acompanhado por músicas religiosas e sertanejas, tocadas por um carro de som.



Imagem 36: Cavalgada da Padroeira Divina Pastora - por volta de 2010 – 2012.
Fonte: Alcides Galvão.

Após o percurso nas ruas de Nova Pastora, a cavalgada da Padroeira também fazia uma parada oficial em frente à igreja de São João Batista (Nova Pastora), onde os vaqueiros cantavam simultaneamente a oração do vaqueiro. O percurso da cavalgada começava por volta das 14 horas e finalizava ao tocar o sino das 18, pois, nesse último horário, era programado o encerramento do evento, com o cântico da Ave Maria, o qual, durante muito tempo, foi interpretado pelos repentistas Celso Moreira e Galeguinho Aboiador.

Cabe ressaltar que no destino final de cada cortejo promovido, tanto da Independência quanto da Padroeira, os cavaleiros e simpatizantes eram sempre recebidos com festa dançante, que oscilava entre show ao vivo e som mecânico.

Algumas vezes, outras datas também passaram a ser celebradas por meio da cavalgada, como a Emancipação Política do Município, aniversário de

algum munícipe e outros eventos entre amigos. O ex-vereador José Luiz Gonzaga dos Santos, conhecido popularmente como Luiz Celão, e o atual vereador Jurandir Gonzaga costumavam reunir grupos de cavaleiros em épocas comemorativas para seguir roteiros de ruas centrais e distritos rurais, o que alegrava a comunidade local e alavancava o prestígio de algumas figuras colaboradoras do evento. Os adeptos à montaria cardinalense costumavam, vez ou outra, se reunirem para fazer passeatas pela zona rural de Cardeal da Silva e ao chegarem ao lugar de destino, enquanto os animais descansavam, os cavaleiros montavam um tipo de confraternização, regada, geralmente, de churrasco e cerveja, firmando assim a amizade pelo elo da cavalaria, até chegar o momento de retorno.



Imagem 37: Cavalgada no Jangada.
Fonte: Jurandir Gonzaga.

9. VAQUEJADA

Vaquejada é uma manifestação cultural muito praticada na região nordeste do Brasil e geralmente é acompanhada por shows ao vivo de cantores sertanejos. É caracterizada pela aglomeração de vaqueiros, cavalos e bois no espaço amplo de areia, onde vaqueiros montados a cavalo devem encurralar e derrubar o boi, puxando-o pelo rabo para marcar pontos. No final, aquele que acumular mais pontos receberá alguma espécie de prêmio.

Em Cardeal da Silva a cultura da vaquejada sempre foi algo pequeno, destinado apenas a corrida entre vaqueiros e bois, reunindo os adeptos da cavalaria no espaço estruturalmente rural. Geralmente, as vaquejadas de Cardeal da Silva são premiadas com bolões e troféus, pois essa atividade

funciona mais como algo que legitima a cultura rural do que uma disputa capitalista.



Imagem 38: Cartaz da vaquejada no Parque Antônio Albérico – 2015.
Fonte: Andrea Argolo.

Essa tradição em Cardeal era feita em várias pistas, sendo que a primeira vaquejada cardinalense foi promovida por Tota Barros, por volta dos anos de 1973, na Rua Nova (atual Rua da Olaria). Com o passar dos anos, essa atividade foi estendida a outras pistas: na década de 80, a Fazenda José Gomes (José Teixeira Filho- Índio) foi palco dessa cultura; depois, já na década de 90, passou a ser promovida na Praça da Saudade (Centro), sendo organizada pelos amigos João Andrade dos Santos, conhecido como Calau, Vandinho Boda Preta, Popó, Toinho de Osete e Gabriel Argolo; e ainda nos anos 90 a Fazenda Maratá (Candembá) recebeu os vaqueiros sob idealização de Roquinho e Alexandre. Por volta dos anos 2000, a fazenda Lagoa da Rosa, no Povoado Mucambo, além de ter sido arena para vaquejada, também promoveu pequenos shows atrativos para boiadeiros e simpatizantes.

Atualmente, a vaquejada cardinalense mais recente foi promovida no ano de 2015, em Nova Pastora, na Fazenda Antônio Albérico, sob a organização dos vaqueiros Calau (João Andrade dos Santos), Maurício Argolo e Marcella Carvalho. No Parque Antônio Albérico, além da vaquejada, há também promoção de bolão, que funciona da seguinte forma: os participantes dão um valor em dinheiro como forma de inscrição para correr na pista com boi, como se fosse a vaquejada, porém de menor organização, pois o bolão não exige autorização dos órgãos competentes da vaquejada e as regras são menos rígidas.



Imagem 39: Vaquejada no Parque Antônio Albérico – 2015. Fonte: Andrea Argolo.

10 CULTURA RELIGIOSA

As manifestações religiosas de Cardeal da Silva são promovidas por três tipos diferentes, em destaques na comunidade: católica, representada principalmente pela igreja Divina Pastora; evangélica, representada pelos protestantes (crentes); e de matriz africana, representada pelos terreiros de candomblé.

10.1 PRINCIPAIS FESTEJOS DA IGREJA CATÓLICA: O MÊS DE MARIA E A COROAÇÃO DA PADROEIRA DIVINA PASTORA



Imagem 40: Festa da Igreja Divina Pastora - Mês de Maria, por volta de 1970. Fonte: Geraldo Salmeiro.

O Mês de Maria é uma festa tradicional da igreja católica Divina Pastora, que acontece no final do mês de agosto e dura até o último sábado de setembro, num percurso de 30 noites consecutivas. Nesse período, a partir das 19 horas, são reunidas em vários pares meninas com idade entre 03 e 12/13 anos, para participar do “cordão”, nome designado à fileira de 02 por 02 meninas, com trajes iguais e flores nas mãos, para rezar, cantar e ofertar a Nossa Senhora Divina Pastora durante os dias de devoção.

Durante a semana, as meninas usam blusa branca de manga e saia azul-marinho rodeada de pregas até a altura dos joelhos. Na cabeça, usam uma espécie de coroa verde e branca, acessório denominado capela. Nos finais de semana e em dias de missa, a saia azul-marinho é substituída pelo vestido branco com mangas e rodado até a altura dos joelhos. Assim, o cordão de meninas do Mês de Maria entra na igreja e participa da doutrina que alterna entre ajoelhar-se, ficar de pé, sentar-se, ir ao altar colocar a flores e despedir-se, num movimento de rezas e cânticos religiosos.

Em toda missa, durante o período do Mês de Maria, fica designada uma dupla de meninas para ir ao altar cantar uma música religiosa, conhecida como “vela” ou “cântico de louvor a Nossa Senhora” (cântico de ação de graça), a qual é antes ensaiada junto às responsáveis pela organização dessa tradição.



Imagem 41: Mês de Maria - 2012. Fonte: Alcides Galvão

O Mês de Maria teve início em Cardeal da Silva no ano de 1877, com a professora da comunidade na época, a Senhora Aurélia de Assis Batista Oliveira, conhecida como Dona Lelé. Inicialmente, a tradição era realizada no mês de maio, depois a professora Dona Lelé transferiu para setembro, pois neste período se comemora a natividade da Santa Divina Pastora, o que proporcionava maior participação popular, principalmente das crianças e

adolescentes, já que no mês de maio as chuvas e os ventos são mais constantes, dificultando o acesso da comunidade às ruas durante a noite.

Desde a época que o Mês de Maria começou a ser praticado na comunidade até os dias atuais, suas características foram mantidas para preservar a tradição. A farda da saia azul-marinho, blusa branca e capela na cabeça foram inseridas em 1937, quando a professora Ocridalina Pereira Miranda passou a administrar essa manifestação. Além das professoras Dona Lelé e Dona Ocridalina, várias mulheres católicas assíduas (beatas) fizeram parte da organização do Mês de Maria, colaborando na perpetuação dessa cultura, a exemplo das irmãs Fonseca, Odete e Marieta, Dona Margarida Albuquerque e nos dias atuais, as católicas assíduas Dona Jandira Oliveira e Dona Zefira Almeida.

O Mês de Maria também é uma preparação para a Festa da coroação da padroeira, Nossa Senhora Divina Pastora, que acontece no último sábado do mês de setembro. Nesse dia, a igreja recebe um número maior de cristãos do que o habitual, devido à surpresa do ato de coroar, que apesar de ocorrer todos os anos, há um sentimento de fé e pureza, pois a Santa recebe a coroa pelas mãos de duas meninas da comunidade, o que transfere aos cristãos a fé representada por meio da pureza infantil. Postas no altar, com as identidades reveladas apenas no final da missa, as meninas ficam escondidas até o momento da coroação. Ambas aparecem vestidas de anjo azul, com uma túnica, descalças e com uma coroa na cabeça. As meninas designadas a coroar vão se aproximando aos poucos da Santa, depois se ajoelham e, enquanto uma das mãos está sobre o peito, a outra mão faz um movimento bem lento para



Imagem 42: Coroação - 1984, Jacirleny Oliveira e Vidélina Albuquerque. Fonte: Prof. Jau.

pegar a coroa e ir de encontro a cabeça da Santa, tudo ao som do cântico destinado a esse momento: “Virgem recebe esta coroa, quem te oferece é o nosso amor, seja no céu, oh mãe tão boa, pra todos nós, feliz Senhor.”

A coroação da Santa Divina Pastora significa para a comunidade católica a valorização da mãe de todos os católicos, representada por Divina Pastora, o que reflete na purificação da fé dos fieis e fortalecimentos do vínculo religioso.

A veneração à Divina Pastora é de origem espanhola. Segundo a Revista Legião de Maria (1996), a Santa apareceu em 31 de maio de 1703 na Capela do Convento dos Capuchinhos, em Sevilha. Conta-se que naquele momento de aparição da Santa, a escuridão envolvia a terra e Frei Isidoro ainda rezava, quando de repente uma luz extraordinária iluminou a capela, trazendo a Santa vestida de Pastora, a qual pediu: “Por onde fores difunde a minha devoção sob o título de Nossa Senhora Divina Pastora.” Apresentou-se debaixo de uma árvore, sentada numa pedra, tendo no joelho esquerdo assentado o Menino Jesus. Estava vestida por uma túnica vermelha, coberta por um manto branco de pele fina de animal, amarrada à cintura, e um manto azul cobrindo o ombro esquerdo. Na mão direita segurava um cajado, na cabeça possuía um chapéu de pastora e algumas ovelhas arroteavam a Santa.

Pelas impressões da história católica, a virgem ainda falou ao Frei Isidoro: “Queremos que todo mundo cumpra mais fielmente a doutrina do meu Filho. Eu sou a Divina Pastora das Almas. Quero te assegurar que os pecadores, ainda os mais endurecidos, retornarão a mim dóceis e mansos como ovelhas.” Essa história se popularizou entre os fiéis do catolicismo, fortalecendo ainda mais a devoção às imagens dos santos, espalhou-se por toda a Espanha, Itália e Portugal.

Dentro do repertório catolicista, os principais cânticos do Mês de Maria, que são realizados na rotina dos 30 dias da tradição, são:

Entrada das meninas na igreja

Dai-nos licença, oh Maria.

Chegar-nos ao teu altar

Para estas flores mimosas

Podemos te ofertar.
Enquanto nos com mil flores
Chegarmos ao teu altar
Vem oh, mãe dos pecadores
Graças dos céus derrama



Imagem 43: Igreja Divina Pastora no ano de 2016. Fonte: Prefeitura de Cardeal da Silva.

Oferta das flores das crianças- refrão

Vinde vamos todos
Com flores a porfia,
Com flores à Maria,
Que mãe de nossa é

Cântico final: beijo das meninas à toalha da santa- refrão

Oh, minha mãe e senhora
Aos vossos filhos lançai
A benção terna e piedosa
Do céu, as graças nos dai.



**Imagem 44: Momento de despedida do Mês de Maria: beijo à toalha, por volta de 2015.
Fonte: Alcides Galvão.**

A devoção dos cardinalenses à Divina Pastora veio através do português Pascoal Afonso da Fonseca, na época donatário das terras de Pindorama, a qual foi transformada em Povoado, Arraial e Vila Divina Pastora, e com a emancipação, tornou-se a atual Cardeal da Silva. No início do século XIX, o português Pascoal Afonso da Fonseca recebeu da coroa Portuguesa a doação e posse destas terras e solicitou ao seu sobrinho João Borges de Jesus, que estava em Lisboa, trazer a Imagem para que esta se tornasse a padroeira local (atual Cardeal da Silva).

Inicialmente, a igreja matriz tinha uma estrutura rudimentar de palha, voltada para a nascente do sol. Mais tarde, entre 1825 a 1828 a igreja permanente foi construída pelos cunhados de Pascoal Afonso da Fonseca, João Dias e Antônio Dias, sendo uma construção jesuítica devido a seu formato de pirâmide entre as torres e arcadas internas.

É importante pontuar que além da igreja católica Divina Pastora, o Município de Cardeal da Silva comporta em suas áreas distratais outros espaços que preservam a cultura do catolicismo, sendo estes: Igreja de Santa Rita de Cássia, no povoado do Jangada; Igreja de Nossa Senhora da Conceição, na Fazenda Riachão (Maravilha) a qual não existe mais; Capela de Santo Antônio dos Milagres, no Riachão de Sr. Manoelito Argolo, próximo ao

distrito do Candembá; Igreja de São João Batista, no Bairro de Nova Pastora; Capela de Nossa Senhora Aparecida, no povoado da Calçada. Nesses espaços eram reproduzidos os festejos ligados ao catolicismo, sobretudo as missas e batizados, atividades que predominavam na região, uma vez que a visibilidade de outras religiões era escassa, principalmente a evangélica que ganhou destaque na comunidade nessas últimas décadas, conforme abordaremos no próximo tópico.

10.2 OS FESTEJOS EVANGÉLICOS EM CARDEAL DA SILVA

Por volta dos anos 70 e 80 as primeiras igrejas evangélicas foram organizadas em Cardeal da Silva, sendo as precursoras a Assembleia e a Batista Dois de Julho. Essas igrejas começaram seus cultos com um número reduzido de fiéis. Mais tarde, foram se popularizando através de eventos que se estendiam à população em geral. A igreja Batista Dois de Julho foi a que iniciou o processo de integração de outras pessoas cardinalenses ao círculo evangélico, através da promoção de eventos que são denominados de campanhas evangélicas, as quais eram previstas em datas comemorativas, como o aniversário do templo, dia das mães, dia dos pais, dia da Bíblia, aniversário do Pastor, dia das Crianças, Natal e Ano Novo. Inicialmente, essas campanhas eram algo pequeno que foi se expandindo com o crescimento de outras igrejas protestantes e, conseqüentemente, aumentando o número de fiéis. Atualmente, o quadro de igrejas protestantes de Cardeal da Silva compreende um percentual de aproximadamente 10 templos, podendo ser citados: Igreja Batista Dois de Julho, Assembleia de Deus, Deus é Amor, Cristã do Brasil, Testemunha de Jeová, Mistério do Fogo, O Brasil para Cristo, Quadrangular, Assembleia de Deus de Cardeal da Silva, Assembleia Madureira.

As igrejas protestantes tornaram-se parte da cultura cardinalense, devido à popularidade de campanhas evangélicas que faziam todos os anos e eram estendidas ao público não só evangélico, mas a comunidade em geral. Uma das campanhas mais esperada e que virou tradição no Município era o “Encontro das Igrejas”, em que o objetivo era reunir todas as igrejas

evangélicas que quisessem aderir a essa festividade. Esse encontro foi reflexo de outros eventos menores que já aconteciam anteriormente, de maneira restrita e determinada pelo templo. Com o passar dos anos, houve a necessidade de ampliar a manifestação para outras categorias de fiéis, ao mesmo tempo em que também era proposta a integração de diversos templos.

O primeiro Encontro das Igrejas aconteceu em 2003 e foi organizado pelas denominações O Brasil para Cristo e Assembleia de Deus, em que os líderes Pastor Abimael e o Presbítero José dos Santos (em memória) se juntaram para convidar as demais igrejas a participar de diversas atividades religiosas em dois dias de festa. Nesses dias, a comunidade evangélica recebia outras pessoas num espaço amplo, com estrutura diferenciada do templo, pois, geralmente, havia montagem de palco, som mais aperfeiçoado, instrumentos musicais e convidados de outras cidades. O evento era composto por apresentações de cantores gospels, dramatização de peças bíblicas, muita oração, leitura da bíblia, pregação da palavra de Deus e vendas de produtos evangélicos (livros, cd, dvd, bíblia, camisas, etc). Durante o período dessa campanha dos evangélicos a cidade ficava movimentada e muitas pessoas sentiam-se atraídas pelos diversos tipos de anúncios promovidos pelos organizadores do evento. Sendo assim, além de fomentarem mais um tipo cultural cardinalense, essa tradição também repousa na ideia da movimentação econômica e firmação espiritual.



Imagem 45: Encontro Evangélico em Cardeal na Marcha para Jesus – 2011.
Fonte: Alcides Galvão.

10.3 RELIGIÃO DE MATRIZ AFRICANA: OS TERREIROS DE CANDOMBLÉ DE CARDEAL DA SILVA

10.3.1 ONZÓ KAVUUNGO KAIANGO D' UNZAMBE

O terreiro de candomblé denominado *Onzó Kavuungo Kaiango D' Unzambe* é uma manifestação cultural de Cardeal da Silva de matriz africana, está localizado atualmente na Avenida Santo Antônio, sob o comando da Senhora Sacerdotisa Núbia Rosário dos Santos, popularmente conhecida pela denominação de Mãe de Santo na região. Esta teve o passe para efetuar suas obrigações (*dacá e rujeve*) pelo Sacerdotista Eronildo de Matos Victório, conhecido popularmente como Pai Nildo de Pajaú, chefe do terreiro Tumbá Lê Kayamin N' Uzambê, localizado em Acajutiba. O terreiro *Onzó Kavuungo Kaiango D' Unzambe* foi iniciado pela própria Mãe de Santo, Dona Núbia, no período do ano de 2003 e oficialmente registrado em 2010 na Federação Nacional do Culto Afro-Brasileiro (FENACAB), órgão que da aptidão para exercer a função de sacerdotisa (mãe de Santo) até concluir as obrigações dentro da religião. Essas obrigações são estabelecidas em períodos gradativos de 03, 07, 14 e 21 anos, e assim renovando o cadastro do terreiro simultaneamente todo ano pela FENACAB para ter licença de executar as tarefas religiosas.



Imagem 46: Terreiro Onzó Kavuungo Kaiango D' Unzambe em Cardeal – 2017.
Fonte: Edineide Santos.

Quando o candoblecista é iniciado dentro dessa religião, ele fica recolhido durante 21 dias no terreiro (camarinha), é passado pra ele os ensinamentos, os quais ele aprende que sexta-feira é um dia sagrado em respeito a Oxalá. Nesse dia, o candoblecista deve usar apenas roupa branca, não comer carne vermelha, não fazer uso de bebida alcoólica, não ingerir comidas pesadas, não ter relações amorosas, dentre outros. Segundo a Mãe de Santo Dona Núbia Rosário, a obrigação de 03 anos é feito com um ritual de oferecimento dos objetos usados no terreiro aos orixás. Já a obrigação de 07 anos é quando a Mãe de Santo recebe um objeto chamado “*rojeve*” (colar grande) e o “*decá*” (cuia de cabaça), ambos os objetos simbolizam o passe livre pra seguir em frente como Sacerdotisa. Já a obrigação de 14 anos é a mais forte, a comandante do terreiro tem a licença para capacitar outras pessoas iniciantes no candomblé e passar os rituais já apreendidos anteriormente. Na última obrigação, de 21 anos, acontece um reforço de todas as outras obrigações anteriores, principalmente o oferecimento aos Orixás de tudo que já conquistou dentro do candomblé.

Dentro dessas obrigações também ocorrem os rituais de candomblé, as chamadas batidas ou festas dos Orixás, as quais reúnem os membros principais do terreiro e algumas batidas possibilitam a participação de convidados oriundos da população em geral. A festa é configurada sobre atabaques (tambores), adjá (tipo um chocoalho) e gã (agogô), começa geralmente à noite, em torno das 20 horas, e transcorre até de manhã, aproximadamente às 5 horas da manhã, num percurso de três dias seguidos.

As batidas são feitas durante o ano em vários períodos, começando em janeiro, em que oferece flores, perfumes, joias e fitas a Iemanjá (mar) e a Oxum (rio); em abril, tem as batidas em festejo a reabertura do terreiro após o período de Quaresma; em maio, os festejos são destinados às mulheres, as chamadas labás; em junho, as batidas são em homenagem a Ogum, com distribuição de feijoada para 21 homens; em julho, há os festejos em oferecimento aos caboclos de pena, que são denominados índios, e a Nanã, que é um Orixá feminino, anciã e dona das pembas (pó de proteção); em agosto, acontece o evento de Olubajé em prol do orixá Obaluaê, que é o regente do terreiro Onzó Kavuungo Kaiango D’ Unzambe; em outubro, é dada as batidas com caruru, em oferecimento a Erês, popularmente conhecido como

Cosme e Damião; em novembro, a festa ocorre para exaltar o caboclo boiadeiro, em que há o oferecimento em abundância de feijão fradinho, bebida jurema, carne bovina, aves e frutas; finalizando o ano, em dezembro, ocorre a festa para o caboclo Marujo, chamada de peixada, nela o terreiro é servido de refrigerante, cerveja, peixes e frutos do mar. Ainda em dezembro, também ocorre as batidas para a orixá Iansã, em que serve-se acarajé, abará e o amalá (quiabada pura).



Imagem 47: Festa de Saída de Muzenza (Iaô) e Makota (Eked) em Cardeal da Silva – 2015.

Fonte: Edineide Santos.

Segundo Edineide Santos, filha de Dona Núbia Rosário e herdeira ativa dessa religião, os Iaôs (Muzenza) são pessoas iniciadas no candomblé, conhecida como feitura, já as Ekedes (Makota) ficam designados a cuidar das entidades incorporadas.

É importante ressaltar que nem todas as festas do terreiro *Onzó Kavuungo Kaiango D' Unzambe* é aberta ao público, devido ao alto custo financeiro, porém os festejos do mês de agosto, outubro, novembro e dezembro devem ser efetuados e oferecidas a população em geral, pois são obrigações do terreiro para fortalecimento dos seus Orixás.

O incentivo para essa cultura e, portanto, para o terreiro *Onzó Kavuungo Kaiango D' Unzambe*, permanecer ativa no Município cardinalense se deu por herança da Família Rosário, a qual começou em Salvador com a matriarca da família, a avó de Dona Núbia, na década de aproximadamente 1900, a Senhora Ângela Maria Rosária, que transferiu os saberes candomblecistas para sua filha Valdate Rosário Sobral, a qual também inseriu sua irmã Valdetina Mariano do Rosário, que também influenciou sua filha Núbia

Rosário dos Santos, hoje comandante reconhecida oficialmente por esse terreiro. Os filhos biológicos de Mãe Núbia, Edineide Santos e Manoel Conceição, estão atualmente iniciados na religião do candomblé e, segundo eles, pretendem dar continuidade à religião da família.



Imagem 48: Festa de louvor do Caboclo Boiadeiro em Cardeal – 2017.
Fonte: Núbia Rosário.

Os membros do terreiro *Onzó Kavuungo Kaiango D' Unzambe* sofrem muito para sustentar essa cultura secular, pois, apesar de Cardeal da Silva ser uma cidade pequena, rural e com população de maioria negra, muitos moradores não respeitam o candomblé, sendo constantes alvos de ataques em forma de ofensas. Dona Núbia ressalta que apesar de algumas mudanças na lei para proteção dos direitos religiosos de matriz africana, hoje, ela ainda enfrenta um forte preconceito religioso dos conterrâneos, reflexo da intolerância que sua vó, a Senhora Ângela Maria Rosária, sofreu no início dos anos 1900 para manifestar sua religião.

Nos últimos anos, a Secretaria Municipal de Educação e Cultura, na perspectiva de construir e disseminar o respeito a diversidade, inseriu nas escolas o ensino obrigatório da História e Cultura Afro-brasileira e Africana, além de projetos que abordam as relações étnico-raciais e trazem à tona o conhecimento significativo da cultura, da história de luta e resistência do povo negro.

Geralmente, a cultura religiosas de matriz africana é ligada à cantigas que homenageiam os Orixás e afirmam a fé dos devotos. Alguns desses cânticos exaltam o poder do Candomblé e trazem os sentimentos que

alimentam a fé nos Orixás, bem como podemos perceber nas cantigas louvadas durante a festa do referido terreiro:

Em Homenagem a Oxalá:

Oni saurê
Aul axé
Oni saurê
Oberioman
Oni saurê
Aul axé babá
Oni saurê

Oberioman
Oni saurê
Babá saurê
Aul axé
Baba saurê
Oberioman
Baba saurê
Aul axé babá
Baba saurê
Oberioman

Baba Saurê
Ah, ah, ah...
Oni saurê
Aul axé
Oni saurê
Oberioman
Oni saurê
Aul axé babá
Oni saurê
Oberioman Oni saurê.

Hino do Candomblé

Refletiu a Luz Divina
Com todo seu esplendor
É do reino de Oxalá
Onde reina paz e amor
É Luz que refletiu na terra
Luz que refletiu no mar
É Luz que veio de Aruanda
Para todos iluminar mais

A angola é paz e amor
É um candomblé cheio de Luz
É uma força que nos habita
É a grandeza que nos conduz
Avantem, filhos de fé
Como a nossa lei não há
Levamos ao mundo inteiro
A bandeira de Oxalá
Levamos ao mundo inteiro
A bandeira de Oxalá

10.3.2 CENTRO DE BOIADEIRO E NANÃ (NAÇÃO UMBANDA)

O terreiro de candomblé denominado *Centro de Boiadeiro e Nanã (Nação Umbanda)* é uma manifestação cultural de Cardeal da Silva de matriz africana, que está localizado atualmente na Rua D, em Nova Pastora, sob o comando da Senhora Mãe de Santo, Dona Ana



Imagem 49: Área do Centro Boiadeiro e Nanã – 2017. Fonte: Ana Lúcia Batista dos Santos.

Lúcia Batista dos Santos. Esse terreiro foi iniciado no Município em 2001 através de referências dentro da própria família de Dona Ana, pois sua mãe e sua vó, Dona Isaura Batista dos Santos e Dona Joana Batista dos Santos (descendente indígena), já frequentavam desde 1950, como sambadeiras e filhas de santo, outros terreiros. Tinham a missão de organizar rezas, regadas por samba e caruru, em devoção a São Cosme e São Damião. Assim, Dona Ana cresceu acompanhando o meio religioso de influência africana, e com 20 anos recebeu os primeiros sinais dos Orixás de que teria a missão de médio-espírita aqui na terra. A partir daí Mãe Ana passou por vários processos de provação para aceitação da missão.

A primeira missão foi dada quando o Caboclo Boiadeiro passou a se manifestar corporalmente, indicando que Dona Ana já estava pronta pra receber a licença para trabalhar religiosamente (*decá/ diploma*) na Umbanda. A segunda missão foi dada quando o Caboclo Boiadeiro se manifestou corporalmente, subentendendo que Mãe Ana teria que desenvolver os trabalhos de Umbanda, praticando os festejos destinados a essa nação, como

rezas, batidas de tambores, sambas, distribuição de comidas típicas, oferendas aos orixás e aos caboclos, cantigas de boiadeiro, dentre outros, destinados tanto aos devotos do Caboclo, quanto a população em geral que quisesse participar .

Dentro desses eventos culturais do Centro de Boiadeiro e Nanã (Nação Umbanda), há um percurso durante o ano, sendo que a primeira festividade acontece com o fechamento do terreiro em fevereiro, em que a festa é destinada a Nossa senhora das Candeias (Oxum), em decorrência ao período da Quaresma. A segunda festividade acontece após a quaresma, com a abertura do terreiro, em que São Benedito é homenageado (Preto Velho) com mingau, flores e pipoca de milho. Já o terceiro evento do ano é feito no mês de junho, homenageando Santo Antônio (Ogum), com oferta de feijoada de Ogum para os devotos e a população em geral. A quarta festividade é comemorada para o Caboclo Boiadeiro e também para a Orixá Nanã (Nossa Senhora Santana), no mês de julho, com a missão principal de levar oferendas de flores, perfumes e joias ao mar e a cachoeira. Ainda nesse mês, os devotos retornam para o Centro de Boiadeiro e dão continuidade ao evento por meio de oferenda de carne de bois, frango e carneiro, além do batuque.

Na quinta festividade, no mês de setembro, acontece a homenagem a Cosme e Damião (Erês). O Centro de Boiadeiro é todo preparado para receber o público que irá prestigiar o tradicional samba de roda, a reza de devoção aos santos gêmeos, acompanhado com o delicioso caruru. Já o sexto evento é dedicado a Santa Bárbara (Iansã) e acontece no último mês do ano, dezembro. Neste, a marca principal, além do tradicional caruru, é o acarajé, o qual é ofertado à comunidade em devoção a orixá (Iansã). Após a degustação, acontece um ritual denominado giro de roda, em que a Mãe de santo e suas médiuns executam o desenvolvimento espiritual, ou seja, circulam na roda formada pelos filhos e filhas de santo, cantando e dançando os toques dos tambores e músicas que exaltam cada um dos caboclos e orixás por vez.

Em todas as festividades do Centro de Boiadeiro (Nação Umbanda) há uma ornamentação própria, roupas características para cada Orixá homenageado, além de comidas e rituais diferentes. Segundo Mãe Ana, apesar de saber da existência fervente do preconceito contra as religiões de matriz africana, ela não se curva diante de tais atitudes, pois pratica sua manifestação

independente do que outras pessoas pensam ou dizem, e afirma que até aqui não identificou nela ou nos seus seguidores nenhum efeito do preconceito. Mãe Ana ressalta que Umbanda significa amor, caridade, humildade e muita fé, por isso sente-se protegida e privilegiada por ser escolhida para fazer parte dessa religião e diz que é umbandista com muita honra, independente das críticas e preconceitos que sofre. Como marca de sua religião umbandista, a referida Mãe de Santo dispõe de vários cânticos em homenagem às divindades da umbanda, sendo estes indispensáveis para o fortalecimento dos Orixás e para o combate das forças negativas:

***Boiadeiro**

Seu boiadeiro o que é meu,
É meu irmão.
É irmão de coração,
É meu irmão.

***Ogum**

Senhor Ogum venceu a guerra
Venceu, venceu...
A batalha de Ogum
Só quem pode é Deus.

***Santa Bárbara**

A luz de Santa Bárbara
É luz da cor de anil
Quando ela relampeia
Clareia todo o Brasil

***Orixá Iansã**

Oh, Iansã, minha mãe
Oh, Iansã, vem me valer
Oh, Iansã, minha mãe
O que Santa de poder.

***Nanã**

Oh, Nanã, oh, Nanã, é...
Oh, Nanã, oh Nanã
Boroque, oh, Nanã.



**Imagem 50: Festa do Caboclo Boiadeiro, por volta de 2015.
Fonte: Ana Lúcia Batista.**

10.3.3 TERREIRO DE SANTA BÁRBARA

O Terreiro de Santa Bárbara pertence a Nação Umbanda e fica localizado na comunidade rural do Batista (Serradinho), sob orientação da Senhora Rosa da Cruz. Esse Terreiro existe desde 1932, quando os pais de Dona Rosa já cultuavam a Umbanda na comunidade do Candembá. Assim, Dona Rosa herdou dos seus ancestrais a cultura religiosa de matriz africana, dando continuidade as festas e



Imagem 51: Área interna e externa do Terreiro Santa Bárbara - 2017. Fonte: Rosa da Cruz.

obrigações dos orixás. Os principais orixás cultuados no Terreiro Santa Bárbara são denominados *Ogum de Ronda* (Senhor do Bomfim) e *Sete Serra* (Santo Antônio), os quais recebem constante devoção, principalmente na época destinada aos seus festejos. O terreiro mantém a tradição de rezas para mal olhado, banho de ervas, rezas de oferendas aos santos e orixás, consulta de búzios, samba de roda, roda de terreiro e missas.

Nesse Terreiro, durante o ano, acontecem muitas festividades de devoção aos orixás da umbanda, sendo a primeira em janeiro, com a festa do Orixá Martin (São Sebastião). Nessa época, além da reza, há muitos fogos de artifícios, batidas de tambores, danças envolvendo outros orixás e fogueiras, também é servido arroz doce e mungunzá como pratos principais. Em fevereiro, o evento fica destinada a Iemanjá (Nossa Senhora das Candeias), reproduzindo o mesmo ritual de devoção dos outros orixás, sendo que a comida principal a ser ofertada é o caruru.

Chegada a época da quaresma, entre março e abril, o Terreiro de Santa Bárbara é fechado através da homenagem a São Benedito. Dona Rosa promove reza e samba para anunciar o jejum dos quarentas dias do terreiro. Passada a quaresma, o Terreiro de Santa Bárbara é reaberto com São Benedito, o qual é cultuado como o soberano da marinha, aquele que tem o poder de fechar e abrir caminhos. “São Benedito meu santo, me ajude aqui, se é pai de santo, se é navegante, para ver cair.”



Imagem 52: Dona Rosa em devoção aos seus orixás – 2017. Fonte: Rosa da Cruz.

Seguindo o mesmo ritmo de festejos de todos os outros santos/orixás, no mês de maio, a devoção é destinada à Divina Santa Cruz, que é vista como a testemunha da morte de Cristo. Chegado o mês de junho, os olhares são para o orixá *Sete Serra* (Santo Antônio). Nessa época do ano, Dona Rosa recebe em seu terreiro um contingente maior que o habitual, pelo fato de este ser o representante oficial do seu terreiro, executando treze dias de rezas consecutivos (trezena), com bebidas e comidas típicas juninas. Conferimos, segundo Dona Rosa, um dos cânticos mais ressaltados na festa de Santo Antônio: “Sete Serra quando chegou, ele louva a mãe de Deus, louvou a Cosme Damião, Santa Bárbara lhe esclareceu”.

Em seguida, o terreiro se prepara para homenagear o orixá Santa Maria da Fé, em que a devoção acontece no final do mês de agosto e se concretiza com os mesmos costumes das outras festividades.

Já em setembro, a devoção é mais fervente, pois é voltada para os santos mais populares da região. Nessa festa, São Cosme e São Damião são recebidos por um público maior e mais participativo, devido à oferta do caruru e ao longo samba proposto após a reza. Nesse mesmo patamar, no mês de outubro, a obrigação é destinada a São Crispim e Crispiniano, porém com um cenário mais simples e um público menor. A principal cantiga de devoção aos santos gêmeos é: “Cosme Damião, cadê Daú? Cosme Damião, cadê seus orixás? Ninguém sabe onde ele está!”.

Finalizando o ritual das obrigações do ano, Dona Rosa cultua, no mês de novembro, o orixá Iansã (Santa Bárbara), servindo ao público visitante fartura em caruru e carne de boi. As batidas de tambor vão até amanhecer o dia, regada por muitas bebidas, danças e cantigas. Uma das principais cantigas de louvor a Santa Bárbara cultuada no terreiro de Dona Rosa é: “Santa Bárbara mandou me dizer, Santa Bárbara mandou perguntar o que foi que aconteceu na mesa do vai ocar?”.

Essa sequência de batidas e festejos no decorrer do ano quebrava o silêncio rural da comunidade do Candembá, causando incômodo a alguns vizinhos de Dona Rosa. Tal fato impulsionou a Mãe de Santo a procurar um lugar mais isolado para viver e poder exteriorizar sua fé com mais autonomia, assim, foi morar na zona rural do Batista (Serradinho), por considerar um lugar mais tranquilo e propício para promover suas obrigações religiosas.

Além desses três terreiros de religião de matriz africana citados anteriormente, foram identificados e contabilizados mais três em território cardinalense: Terreiro de Umbanda, situado na Urbis Velha, em Nova Pastora, de propriedade do Senhor José Fernando Moura dos Santos e fundado no ano de 1991; Terreiro Saluba Naná, localizado na Rua da Estiva, comunidade de Barro Vermelho, de propriedade da Senhora Gisélia Pimentel de Santana, criado no ano de 2015; e Terreiro do Centro de Ogum, situado na Urbis Velha (Rua B), sob os cuidados de Sr Vando Silva dos Santos, conhecido como Bebé, o qual trouxe o terreiro para o Município no ano de 2006.

Diante de tudo que foi pesquisado nos terreiros de Candomblé de Cardeal da Silva, confirmamos que essa religião de matriz africana “afirma o mundo, reorganiza seus valores e também reveste de estima muitas das coisas que outras religiões consideram más: por exemplo, o dinheiro, os prazeres, o

sucesso, a dominação e o poder”. (MUNANGA, 2006, p. 109). Foi possível inferir que essa religião e, portanto os três terreiros ressaltados aqui, passeiam por vertentes que envolvem valores, como o respeito, o acolhimento, o amor, a paz e o fortalecimento pessoal.

11 FESTA DE DOIS

Geralmente a Festa de Dois acontece entre setembro e outubro, homenageando os santos Cosme e Damião e Crispim e Crispiniano, através de rezas nas casas com caruru e samba. Em alguns lugares também são ofertados leilões na Festa de Dois. Antes de promover a reza com caruru, os devotos a esses santos, vão às casas da vizinhança para tirar os reis⁷ os donos da casa tem por contrapartida oferecer algo em troca para ajudar na promoção do evento. As famílias que cultuam Cosme/Damião e Crispim/Crispiniano são conhecidas por terem gêmeos na família e, portanto, a obrigação de festejar os santos como sinal de gratidão pelo fortalecimento familiar, proteção e realizações.

A primeira etapa da Festa de Dois se inicia com o chamado “apóstolo das crianças”, que é uma ceia de caruru servida a sete crianças, com idade abaixo de 10 anos. Elas são colocadas de frente à mesa dos santos, sentadas em círculo no chão forrado por uma toalha, em que os pratos são servidos para serem degustado com as próprias mãos, sem utilização de talheres. Ainda faz parte do ritual do “apóstolo”, após as crianças comerem, a oração do Pai Nosso e a distribuição de doces em oferecimento e agradecimento aos gêmeos santos.

⁷ O termo “tirar os reis” está definido no parágrafo que aborda sobre terceira etapa dessa Festa de Dois.



Imagem 53: Crianças no apóstolo de São Crispim e São Crispiniano na zona rural do Saco de Dentro – 1994. Fonte: Crispina de Souza.

Em sequência a Festa de Dois, acontece a etapa da reza em devoção aos Santos Gêmeos. Um grupo de rezadeiras, devotos e simpatizantes se reúne na sala de determinada casa para oferecimento das seguintes rezas: Pai Nosso, Ave Maria, Bendito Louvado Seja, Salve Rainha, Louvor do Beijatório, Senhor Deus, dentre outros. Ainda faz parte do ritual da reza expressões corporais que simbolizam o respeito à fé, como ajoelhar-se no momento do Bendito Louvado Seja, sinal da cruz no início e fim da reza, mão direita no peito esquerdo na hora do oferecimento ao Senhor Deus e o beijo a toalha que a imagem dos Santos está posta, para demarcar o final da segunda etapa da Festa de Dois, que se configura pela reza.

A terceira e última etapa da Festa de Dois é caracterizado pelo chamado “tirar os reis”, que acontece logo depois da oração, sendo um ritual em que os anfitriões da festa fechavam as portas da frente e permaneciam dentro de casa, enquanto os sambadores tocavam, cantavam e dançavam do lado de fora da casa, num movimento que pedia a abertura das portas para receber o

povo homenageando os santos. A principal música de pedido para abertura das portas da casa é:

“Aleluia, aleluia,
Que nasceram dois irmãos (2 X)
Que São João batizou: (2 X)
São Cosme, São Damião.

Quem festeja esse Santo
Tem que ser com devoção
Que no céu ele se encontra
Com mimo da salvação”.

Quem dá esmola esse Santo
Tem que dar a todos dois
A depois não tenha dito
De entrar no céu a depois.

Quem festejar esse Santo
Tem que ser com alegria
Foi gerado em um só ventre
Nasceram todos num dia.
Cosme nasceu de manhã
Damião, ao meio dia.



Imagem 54: Samba de reza na Festa de Dois no Saco de Dentro – 1995.
Fonte: Crispina de Souza.

Outra cantiga que é celebrada no samba de roda e também na Festa de Dois é a “Ô de casa, ô de fora”, uma das mais conhecidas nas festas populares de descendência africana:

“Ô de casa, ô de fora (2 X)
Maria vai ver quem é. (2 X)
São os cantadores de reis (2 X)
Quem mandou foi São José (2 X)
Cantar reis não é pecado. (2 X)
São José também cantou. (2 X)

Nesses dias de alegria,
Mas depois de muito tempo,
São José também chorou
Pois que viu seu filho morto
Pregado numa cruz com tanto amor”.

Abertas as portas, a festa continuava numa roda de samba que envolvia batidas de pandeiros, triângulos, cânticos e muito samba, ao passo que também era ofertado aos participantes a comida típica em homenagem ao Santo, o famoso caruru. Um dos momentos mais importantes desse ritual se dá depois de tirar os reis, com a abertura das portas, pois nesse momento os sambadores e cantadores fazem o momento da chula, o qual é caracterizado como prévia para o samba de reza, em que é organizando a roda do samba que geralmente vai até de manhã. No ritual da chula, as cantigas de samba são específicas para esse momento, sendo que há um refrão a ser seguido, mas o conteúdo da cantiga é de caráter repentista (improvisado), denominando-se quadra de samba. Catalogamos os principais refrãos que animam a chula:

“Dois amantes se há
Ô Maria, eu vi o sol.”

“Ô papai, Severina vendeu a Amazonas
Onde o boi cansado não vive
A mulher ciumenta não come
Os carinhos da mulher mata o homem.”

Atualmente, algumas casas que ainda promovem a Festa de Dois em Cardeal da Silva são: Dona Lindaura, na Rua Euclides Machado (Centro); Dona Tidinha, na Rua Rafael Férso; Em Nova Pastora, na casa de Ana Lúcia Batista, Nair de Olavo, Dona Nita e Diuchina; No povoado da Cruz, na casa de Sr Edvaldo; No Candembá, na casa de Dona Rosa da Cruz; E em Boa Vista, na Casa de Dona Mocita.

É importante enfatizar que durante o momento do samba, era de costume as pessoas mais jovens, inclusive adolescentes, fazerem a roda no terreiro. Essa roda funcionava da seguinte forma: enquanto acontecia o samba dentro de casa, os jovens se reuniam do lado externo e em dupla dançavam, de forma que rodopiavam em pares, até cansar e trocarem de pares sucessivamente.

A Festa de Dois foi umas das atividades culturais mais esperadas no Município durante o ano. Essa manifestação fortalecia o respeito a tradição da

cultura afro-brasileira e, além de promover a alegria local, integrava vínculos afetivos entre familiares e parentes.

12 AS REZADEIRAS OU BENZEDEIRAS

Outra tradição de origem africana e que ganhou destaque no cenário cultural cardinalense foi o ato de rezar ou benzer sujeitos. As rezadeiras ou benzedadeiras eram pessoas vistas no Município com o dom de rezar e benzer quem sofria de algum mal, pois através da fé religiosa, acreditava-se que a oração poderia minimizar ou até curar o incômodo sofrido, denominado maioria das vezes como “mau olhado” ou “quebrantes”, os quais eram identificados quando se sofria de constantes dores de cabeça, sonolência, vômitos, febre, entre outros.

Existiam vários tipos de rituais que simbolizavam o mal estar e a necessidade das rezas: a espinhela caída era comum na crença cardinalense, sendo o ritual feito através da medição dos membros superiores e do tórax, seguido da utilização de ervas, copo de água pura e brasas acesas, o que conferia um caráter de significação da reza como efeito de alívio. Dessas rezas, passavam-se também banhos para limpeza da alma, em que a rezadeira diagnosticava o “mau olhado”, “mal do vento” ou “vento caído”, e receitava ervas e sal grosso numa mistura de banhos caseiros.

As rezadeiras mais requisitadas de Cardeal da Silva foram Dona Maria de Josino Soares, Dona Carmelita Matos da Silva (conhecida como Carminha Rezadeira), Dona Rosa da Cruz, Dona Erondina da Silva e Dona Núbia Rosário. Havia também alguns homens rezadores, dos quais se



Imagem 55 e 56: As rezadeiras: Rosa da Cruz e Núbia do Rosário. Fonte: Arquivo pessoal.

destacaram Zé Pequeno Cego, Pedro do Feijão, Sr Antônio Vermelho, José de Conrado, Manoel de Severiano, Pedrinho do Jangada, José Bordelo e Domingos Ferreira.

Essas rezadeiras foram/são importantes na cultura cardinalense, uma vez que legitimam o sagrado e transferem de uma geração para outra o saber ancestral. Os praticantes desse ofício são capazes de amenizar dores e trazer o equilíbrio emocional, através do ritual da oração, aos indivíduos que necessitam e os procuram.

13 SAMBA DE RODA DE CARDEAL DA SILVA



Imagem 57: Grupo de samba de roda Três Reis Magos, entre 2003 – 2005.

Fonte: Carmelita da Silva.

O samba de roda foi inicialmente introduzido no Brasil como uma expressão de resistência para manter os costumes, crenças e comemorações da população negra e afro-descendente. É um estilo musical popular brasileiro que derivou do samba africano, reunindo várias músicas, poesias e danças. Essa herança cultural afro-brasileira surgiu na Bahia no século XVII, e inicialmente não tinha nenhum prestígio social. Com os primeiros registros datados de 1860, houve mais espaço para visibilidade dessa manifestação, tornando-se hoje um patrimônio cultural. O Samba de roda também faz

referência à capoeira, pois ambos envolvem música e lutas, e aos orixás, entidades espirituais africanas. Essa manifestação está presente em todas as partes do Brasil, principalmente no estado da Bahia, devido ser esse Estado local que mais recebeu negros-africanos.

Em Cardeal da Silva, essa cultura surgiu por influência dos sambas de rezas que ocorriam nas casas da zona rural nas décadas passadas, principalmente os de Cosme e Damião, reproduzindo as mesmas músicas, os mesmos instrumentos e as mesmas performances. Já existiram alguns grupos de samba de roda no Município, porém poucos permaneceram na tradição, a exemplo do grupo Três Reis Magos. Um dos grupos de roda de samba que ainda permanece aceso na cultura cardinalense é o grupo Bravos do Samba, fundado em 2009 por Sr Domingos Cristino e Sr José Pereira e contava inicialmente com 29 integrantes, entre sambadores, tocadores e cantores. Esse grupo surgiu pelo fato dos fundadores se sentirem ociosos e com vontade de trazer de volta a cultura do samba de roda que há alguns anos não se vivenciava no Município.

O grupo Bravos do Samba, geralmente é mais visibilizado a partir do mês de setembro até o mês de dezembro, época em que as festividades culturais são mais ressaltadas. Nessa época, o grupo é convidado a participar de eventos locais e regionais, em que os integrantes se apresentam com roupas coloridas e instrumentos de batidas, como timbaus, pandeiros, triângulos, violão e ganzá (tipo chocalho). Em forma de círculo, os integrantes do grupo vão cantando, sambando e tocando os instrumentos, num ritmo africano e harmonioso, em que os telespectadores são convidados a participar das performances, as quais são improvisadas ao ritmo de cantigas rápidas e fáceis de decorar. Dentre muitas dessas cantigas, as mais tocadas pelo grupo são:

“Oh de casa, oh de fora
Oh de casa, oh de fora
Mariá vai ver quem é
Sou cantador de Reis
Quem mandou foi São José.”

“Mamãe eu queria ir ouvir a santa missão
Queria ver a igreja de São Cosme, São Damião
Eu vou papai, não vai, não vai.”

“Duas pombinhas brincando na areia
Sou eu mamãezinha
Uma brinca do lado, outra brinca do outro
Sou eu mamãezinha.”

“Ligeiro, ligeiro, eu também sou ligeiro.”



**Imagem 58: Grupo de samba de roda Bravos do Samba- por volta de 2010 – 2012.
Fonte: Secretaria Municipal de Educação e Cultura - SEDUC.**

Esse grupo, apesar de pouco tempo de fundação, tem um legado que repousa na ideia de trazer a tona uma manifestação cultural reflexo do samba de roda já existente na cultura local, fizeram inúmeras apresentações, incluindo, além das festividades folclóricas de setembro a dezembro, aniversários de pessoas, emancipação política do Município, participação em eventos de outras cidades, projetos de escolas, festas juninas, entre outros. O grupo não tem fins lucrativos, porém, alguns eventos dão alguma gratificação simbólica para ajudar nas despesas.

14 O NATAL

O Natal é anunciado com o novenário do menino Jesus, ou seja, nove noites de rezas antes do Natal, em devoção ao Menino Jesus. Seguindo o novenário, na véspera do Natal, dia 24 de dezembro, acontece a Missa do Galo entre às 22 e 24 horas, com a tradição da Lapinha, nome dado pelos católicos ao presépio natalino que é posto dentro da igreja para ser apreciado pelos fiéis. Esse presépio é a representação em miniatura do nascimento de Jesus. Após esse ato de devoção, a comunidade católica vai pra suas casas, onde comemoram o Natal com a tradicional ceia em família.

Durante muitos anos, a Lapinha de Isabel Carvalho, mais conhecida como dona Bela, foi a principal atração de Cardeal na época natalina. Por volta da década de 50, Dona Bela Carvalho iniciou a tradição de montar um grande presépio natalino na sala de sua própria residência. O objetivo era receber o público cardinalense, principalmente as crianças, pois o presépio era preparado com bastante luz e cores, o que conferia um caráter de beleza e esplendor



Imagem 59 e 60: Adão Correia de Papai Noel - 2001/2017. Fonte: Adão Correia.

natalino a quem ia apreciar. A Lapinha era a reprodução em miniatura de Jerusalém, mais especificamente, a manjedoura⁸ onde nasceu Jesus Cristo, havia assim, a descrição de casa, animais e pessoas que fizeram parte desse cenário.

Mais recentemente, por volta dos anos 2001, foi incorporada como festejo Natalino do Município a tradição do Papai Noel Comunitário. Nessa

⁸ Tabuleiro em que se deposita comida para vacas, cavalos etc., em estábulo, ou seja, em área coberta onde se abriga o gado.

época, Sr Adão Correia se caracterizava do velhinho e saía, geralmente à tardezinha do dia 24 de dezembro, pelas ruas da sede em cima de um carro de som, distribuindo doces e brinquedos às crianças. Os doces e presentes distribuídos eram angariados de forma voluntária por aqueles que apoiavam a manifestação, sendo ofertados principalmente entre crianças com menor poder aquisitivo do Município.

Essa proposta de Papai Noel Comunitário tinha por objetivo trazer para todas as crianças cardinalenses a magia do Natal em forma de solidariedade, na figura do bom velhinho, o qual era sempre bem recepcionado pela comunidade, devido seu carisma, afeto e bondade.

15 AS PASTORINHAS

As Pastorinhas eram grupos de jovens meninas que encenavam festas religiosas. Esse grupo teve origem em meados de 1943, pelas professoras Maria José Fernandes e Lealdina Filomena de Assis Oliveira (professora Nazinha).



Imagem 61: Baile das Pastorinhas – 2004. Fonte: Alcides Galvão.

Segundo Célia Improta, a partir desse grupo foi formada o Baile das Pastorinhas, também promovido pela professora Maria José, a qual foi a principal responsável pelos eventos Culturais do Município, inclusive foi a mentora da construção do Teatro que leva hoje seu nome. A quantidade de

participantes no grupo das Pastorinhas era ilimitada, sendo estendida para maioria das crianças e jovens (meninas) que assim desejassem participar dessa tradição.

O grupo de meninas tinha por objeto principal venerar o nascimento de Jesus Cristo, ou seja, encenavam o presépio natalino. Naquela época, em Cardeal, havia dois grandes presépios que movimentavam o Natal da comunidade: o de Dona Bela Carvalho e o de Bela Fernandes. As duas pessoas, coincidentemente por nomes iguais, após montar cada uma o presépio em suas casas, se juntavam e faziam outra representação do nascimento de Jesus na Igreja Divina Pastora. As Pastorinhas iam até os presépios para prestar as homenagens e, vestidas de pastoras, segurando lanternas de vela, com pandeiros em mãos, batiam em ritmo musical religioso, de forma que as fitas coloridas dos pandeiros fizessem um movimento simétrico. Nessa encenação, colaboravam alguns homens que representavam os Pastores. Eles acompanhavam a coreografia das Pastorinhas e se identificavam por carregar uma lanterna redonda que causava impacto na época, pois esse objeto era incomum devido ao efeito de luz esplendorosa que produzia ao ser aberta. Esse efeito era porque tinha uma espécie de vela dentro da lanterna que, ao ser lançada sobre a dramatização, corria o grupo das Pastorinhas.

O Baile das Pastorinhas era acompanhado por um grupo de músicos que tocava violões, pandeiros e flautas no ritmo das músicas natalinas cantadas pelas meninas. Segundo a professora Regina Celeste Araújo, que em sua infância foi componente do baile, quando as meninas se aproximavam da casa que tinha o presépio, elas promoviam o seguinte cântico de chegada: *“Abri vossa porta, queremos entrar, ao dono da casa queremos saldar”*. Nesse momento, o dono da casa abria a porta e as meninas continuavam cantando: *“Com risos e flores, queremos saldar, as Pastorinhas prometem ficar”*. O objetivo era dar continuidade a homenagem natalina, sendo que o baile de meninas permanecia pelo lado de fora, em frente a porta aberta, cantando e coreografando as músicas. Depois, seguiam para a próxima casa do roteiro de presépio para repetir a encenação, sendo que entre a trajetória de uma casa e outra, as Pastorinhas seguiam com o cântico: *“Somos Pastores do Oriente, que aqui viemos em romaria, adorar a Deus onipotente, filho da Virgem Maria”*.

Após o percurso de visitas aos presépios natalinos pelas ruas da comunidade, o Baile das Pastorinhas seguia para a igreja católica onde encerrava as apresentações, com discursos e gestos de agradecimentos.

Era fato, durante esse evento, Cardeal da Silva receber muitas pessoas das redondezas, as quais vinham prestigiar a festa e desfrutar do espaço oferecido pelo Teatro Maria José. Esse ambiente foi local de produção da arte cênica durante muitos anos na cultura cardinalense, pois eram oferecidos os recursos necessários para permanência da arte de encenar, dentre eles, as vestimentas, instrumentos sonoros e instrutor.

Além do Natal, as Pastorinhas também saíam em época de Reis (mês de janeiro) em despedida aos presépios que ficavam arrumados até o dia 06 de janeiro. No ano de 2004, a professora Célia Improta tentou reconstruir o grupo das Pastorinhas, inserindo novas configurações, ao mesmo tempo em que tentou reproduzir ações tradicionais. Porém, a escassez de informações dessa tradição e a indisponibilidade em agregar integrantes dificultaram a prosperidade do grupo. Dessa forma, a tradição das Pastorinhas parou de acontecer, pois as pessoas que fomentavam sua continuidade foram falecendo e a juventude que vinha surgindo não demonstrava interesse em dar continuidade a essa manifestação, restando-nos apenas as boas lembranças proporcionadas pelos cânticos, coreografias, agitação e entusiasmo dos momentos que misturavam fé e diversão.



Imagem 62: Baile das Pastorinhas em apresentação natalina- 2004. Fonte Alcides Galvão.

16 A TRADIÇÃO DE FAZER FARINHA

Fazer farinha foi uma das atividades laborais mais praticadas em Cardeal da Silva, desde que o município ainda era uma vila até o final da

década de 90. Inicialmente, o trabalho era para consumo da própria família, que até então era composta por muitos membros e tinha como base alimentar os produtos produzidos na roça. A família se reunia num espaço próprio, chamado casa de farinha, para começar a atividade que durava um dia inteiro. Nesse espaço, as pessoas começavam raspando as mandiocas, depois as ralavam (sevavam) numa espécie de ralo rolante, o qual era movido por uma roda gigante denominada rodete, em que duas pessoas iam produzindo o movimento linear e de rotação através da manivela. Com toda mandioca já relada em forma pastosa, ela era colocada num recipiente de palha, espécie de saco com ganchos, denominado tapeti ou catitu.

O tapeti ou catitu era pendurado numa estrutura que lembra uma forca (espremedor) para que a mandioca ralada fosse totalmente drenada, extraído o líquido (manipueira) até ficar totalmente enxuta. Com a mandioca ralada e seca, a massa era peneirada e depois levada ao tachó ou forno para secagem e produção de farinha. No tachó, a massa peneirada era mexida com um rodo de madeira até alcançar o ponto de retirada.

Com a expansão da produção de farinha, foram inseridos instrumentos mais avançados para agilizar essa tarefa, como por exemplo: o tapeti foi substituído por uma caixa grande de madeira furada, denominada de prensa; o trabalho braçal do rodete foi deixado de lado, sendo colocado um aparelho elétrico (motor) para mover o ralo rolante.

Acontecia também a “farinha de meia”, assim era chamado o acordo feito entre famílias que não tinham a aparelhagem para fabricar a farinha e as famílias que tinham: a casa de farinha era emprestada para outra família fabricar seu produto e em troca era ofertado aos donos da maquinaria uma quantidade da produção.

É importante



Imagem 63: José Carlos Bomfim fazendo farinha no povoado do Saco de Dentro – 2017. Fonte: M^a Aparecida.

ressaltar que, com a mudança de gerações e redução dos membros familiares, essa atividade de fazer farinha passou a ser também fonte de renda, sendo produzida em larga escala e vendida como atacado e varejo no comércio local de feiras livres, mercados e mercearias.



Imagem 64: Casa de farinha no povoado do Saco de Dentro: 1→rodete; 2→prensa; 3→ralo rolante; 4→tacha ou forno. Fonte: M^a Aparecida.

Atualmente, poucas casas de farinha conseguiram se manter em meio à mudanças sociais, principalmente ao êxodo rural, pois os distritos rurais de Cardeal da Silva, que mais sustentavam essa tradição, perderam a maioria de sua população devido a busca por melhores condições de vida na área urbana. É possível ainda encontrar como referência desse passado que sustentou muitas famílias cardinalenses alguns espaços que ainda funcionam como “casa de farinha”: na Sede temos a casa de farinha de Pedro do “Zóio” na Rua João Borges e a de dona Renata, na Rua Rafael Férsola. Em Nova Pastora, há a casa de farinha de Sr. Zezito, a de Dona Mira, a de Leda e a de Dona Dorica. Já na zona rural, encontramos a casa de farinha dos irmãos Dos Reis, no Saco de Dentro; a de Dona Chica no povoado de Calçada; a de Sr Renato no Imbé; a de Dunga e Domingos no Cambuizinho; e a de Dona Lúcia no povoado da Maravilha. Ainda na zona rural cardinalense, no Serradinho, encontra-se a casa

de farinha de Tibúcio, a de Dedo, a de Chico Raio, a de Dona Aurelina, dentre outras. Além da farinha, também eram feitos nesses locais outros produtos derivados da mandioca, como beijus, tapioca, pé-de-moleque, farinha de tapioca, etc.

17 ARTESANATO

O costume de confeccionar objetos com as mãos é muito antigo em Cardeal da Silva, devido à necessidade para uso e dificuldade do poder aquisitivo das classes desfavorecidas. Inicialmente, os objetos como rede de pesca, caçua e cesto de cipó, tapetes, chapéus, vassouras e peneiras de palhas eram feitos para uso domésticos e, muitas vezes, usados como forma de melhorar a execução de determinado trabalho. O jereré, por exemplo, é uma rede de barbante muito usado para o marisco de peixes pequenos de rio, como o camarão; já o caçua de cipó facilitava o transporte em cavalos de frutas, raízes e sacos de farinhas. A matéria-prima da palha de licuri contribuiu para o cenário econômico-cultural cardinalense, pois algumas mulheres tiravam o sustento familiar da venda desses artesanatos, principalmente de vassouras, esteiras de descanso, chapéus e cestos.



Imagem 65: Artesã Maria José Conceição, com palhas de licuri-2008.
Fonte: prof. Aline Araújo.

É importante pontuar que a tarefa de fazer roupas em casa também contribuiu para manter a prática de artesanato acesa no Município, uma vez que as costureiras aproveitavam as sobras de tecidos para confeccionar pedacinhos de material denominado “fuxico”, os quais unidos em vários davam formas a belíssimos tapetes e colchas de cama.

Atualmente as formas de artesanatos estão mais direcionadas à confecção de flores ornamentais, painéis decorativos para festas, acessórios de cabelo e enfeites no geral, sendo esses objetos comercializados como meio de complementação da renda familiar, diferentemente de quando os produtos artesanais eram destinados apenas como utilidade do lar e usado como instrumento para alavancar as tarefas cotidianas.

Contemporaneamente, há em território cardinalense pessoas que estão engajadas na cultura do artesanato, sendo algumas delas: Rosilene Sotero, Zenilde Almeida, Lília Oliveira, Djeane Lima, Edmundo Nascimento, dentre outros.

Além das pessoas que executam individualmente a atividade artesanal, há no Município a Associação das Mulheres Guerreiras Quilombolas de Cardeal da Silva, a qual é uma entidade contemporânea de mulheres que confeccionam diversos artesanatos de decoração, principalmente flores de emborrachado. Essas mulheres aprendem e ensinam a pintar em tecidos, fazer flores ornamentais, decorar garrafas de vidro, trançar tapetes, entre outras formas artesanais.



Imagem 66: Mulheres artesãs na Associação das Mulheres Guerreiras Quilombolas de Cardeal da Silva - 2017. Fonte: Lília Oliveira.

18 EFERVESCÊNCIA MUSICAL EM CARDEAL DA SILVA

Em relação aos destaques musicais oriundos de Cardeal da Silva, foram identificados poucos artistas dessa carreira. Inicialmente, eram pessoas que não recebiam nenhum tipo de incentivo financeiro e cantavam ou tocavam instrumento apenas por diversão e satisfação pessoal. Dentre o minúsculo corpus de músicos que fizeram história em Cardeal, constatamos o cantor de forró Primitivo (1950), o sanfoneiro João das Neves (1960), Francisco Xavier (Dingo) (1960), o forrozeiro Idelfonso Tocador (1970), Nemésio Lima (Sr. Nelito) (1980), Minervino (1980), Pedro Sanfoneiro e banda SA (1980), Beco Sanfoneiro (1980), Inácio Lopes Lima (Ribeiro) (1970). Esses sanfoneiros mais remotos do Município sempre embalavam os eventos familiares que aconteciam, principalmente nas áreas rurais.



Imagem 67: Pedro Sanfoneiro e Banda AS - 2015. Fonte: Ana Cleide Batista.

Mais tarde, o cenário musical de Cardeal da Silva incorporou outros estilos, de forma que a música também passou a ser um meio profissional, gerando lucros aos seus adeptos. Assim a área musical cardinalense abriu lugar para o pagode de Os Marotos (2000), Psiu do Samba (2007) e Arrebite (2010); ao arrocha de Liliane do Arrocha (2001), do Grupo Amassa (2004) e da Banda G Mix (2014); ao forró brega de Eliziário da Maravilha; a seresta brega de Helinho Marques (2004); a pisadinha de Baianinho (2007); ao MPB de Ícaro

Mendes (2013); ao forró de Jaminho Forrozão (2016); dentre outros músicos que marcaram um determinado período cardinalense. Esses grupos passaram a embalar os eventos da cidade, inclusive os festejos considerados de grande porte no Município, como as festas juninas, a emancipação política, coroação da padroeira e festas particulares.

Outra efervescência musical cardinalense foi a banda Pérola Negra. No ano de 2012, estudantes da rede municipal, estadual e filantrópica deram início a Banda Percussiva Pérola Negra, a qual se originou da fanfarra de Cardeal da Silva (FANCARD). Essa banda era mantida pela Prefeitura Municipal de Cardeal da Silva, que disponibilizava professor de percussão, espaço de treinamento, instrumentos, vestimentas e transporte. Assim, a banda fez inúmeras apresentações no Município e em outras cidades, inclusive em eventos como o aniversário da cidade, campanhas publicitárias de saúde, inauguração de obras, festejos escolares, Consciência Negra, folclore, etc.



Imagem 68: Apresentação da Pérola Negra no Aniversário de Cardeal da Silva – 2014.
Fonte: Fabiano Lima.

Em 2014, a Pérola Negra passou a ter o apoio do Programa Mais Educação do Governo Federal, em que o aluno era incentivado a melhorar sua qualidade de aprendizagem escolar, mediante o desenvolvimento de atividades nos campos de artes, cultura, esporte e lazer no turno oposto ao seu estudo.

Dessa forma, a banda percussiva passou a ser uma parceira no incentivo a permanência do aluno na escola, bem como no exercício da cidadania entre os jovens, chegando a acolher mais de trinta componentes, sob orientação do percussista Dernivaldo Silva Santos e do professor Márcio Correia Barbosa.

19 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o processo de escrita deste dossiê, pudemos perceber a variedade cultural existente em Cardeal da Silva, ao passo que também notamos o quanto algumas dessas manifestações se transformaram ao longo dos anos, provavelmente pelo fato de serem praticadas por sujeitos de outras gerações e em contextos diferentes daqueles que foram construídas.

Na tentativa de valorizar as tradições do Município, possibilitando a geração atual o acesso às informações histórico-culturais, é que investigamos os processos que versaram sobre as diferentes manifestações do povo cardinalense. Foi possível inferir, através dos depoimentos dos colaboradores desta pesquisa, que a cultura de Cardeal da Silva necessita de mais incentivo para continuar prosperando. A fala de alguns colaboradores demonstrou anseio em perceber que seus saberes populares estão sendo reinventados pela tecnologia atual e apresentados de uma outra forma pela inserção de novos modos de vida. A maioria dos depoentes vê no registro escrito um suporte para divulgação de suas manifestações, um outro meio de rememorar esses saberes e instigar os sujeitos à se reconhecerem como parte contínuo de um processo cultural.

Diante de tudo que foi abordado, percebemos o quão rica é a cultura cardinalense e o quanto esta pesquisa nos possibilitou acesso a informações do passado. Assim, espera-se que este dossiê possa auxiliar novos estudos, podendo contribuir para divulgação das tradições culturais em outros âmbitos, inclusive escolar, servido como material de apoio para pesquisas e futuros trabalhos.

REFERÊNCIAS

BARROS, Isabelle. **Como funciona a roda de capoeira? Entenda**. Disponível em: <http://www.diariodepernambuco.com.br>. Acessado em 30/11/17.

CHAUI, Marilena. **Cultura: cultuar ou cultivar**. Disponível em: <http://csbh.fpabramo.org.br/o-que-fazemos/editora/teoria-e-debate/edicoes-antteriores/cultura-cultuar-ou-cultivar>. Acessado em 01 de novembro de 2017.

EAGLETON, Terry. **Versões da cultura**. Trad. Sandra Castello Branco. In: A idéia de cultura. SP: Editora UNESP, 2005. p. 9-50.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI Escolar: O minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 4 ed. 2001.

KUPER, Adam. Cultura, diferença e identidade. In: **Cultura: a visão dos antropólogos**. Bauru: EDUSC, 2002, p. 287-311.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **Para entender o negro no Brasil de hoje: história, realidades, problemas e caminhos**. São Paulo: Global; Ação Educativa, 2ª ed. 2006.

DIANA, Daniela Biason Gomes. **O samba de roda**. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/samba-de-roda/>. Acesso em 27 de novembro de 2017.

Nossa Senhora Divina Pastora. **Revista Legião de Maria**– Nº 50 – Jan/Dez – 1996.

PERCÍLIA, Eliene. **"Dossiê": Brasil Escola**. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/curiosidades/dossie.htm>>. Acesso em 29 de abril de 2018.

MARIA APARECIDA SANTOS DE SOUZA é de origem humilde, natural de Cardeal da Silva e viveu toda sua infância na Zona Rural do Saco de Dentro, onde foi alfabetizada na escola pública e multisseriada São Sebastião. Filha do operário Eliezer Brito de Souza e da dona de casa Domingas Apolônia, Cida, como é popularmente conhecida, foi criada por seus padrinhos Crispim de Souza, Crispina de Souza e Júlia Maria, devido o falecimento precoce de sua mãe. Formou-se em magistério em 2002 pelo Colégio



Imagem 69: Sobre a autora.
Fonte: arquivo pessoal.

Estadual José Antônio de Araújo Pimenta, entrando efetivamente no serviço público Municipal no ano de 2005. Nos anos de 2007 a 2011 foi professora Reda pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia, obtendo experiência no ensino médio no mesmo Colégio Estadual onde se formou professora. É licenciada em Letras Vernáculas/Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) de Alagoinhas (2012), onde produziu e apresentou diversos trabalhos, dentre eles o de conclusão de curso (TCC) voltado à linguística, denominado “A Concordância Verbal entre falantes de nível médio da cidade de Cardeal da Silva- Ba”. Entre os anos 2015 e 2017 cursou mestrado em Crítica Cultural e defendeu a dissertação intitulada “Relações étnico-raciais nos contos de Lima Barreto: uma análise literária no contexto da lei 10.639/03”, adquirindo aportes no campo das relações étnico-raciais e da literatura negro-brasileira. Atualmente, é professora de Língua Portuguesa nas séries finais do ensino fundamental, na Escola de 1º Grau José Osete de Carvalho, no entanto, está representando a coordenação de cultura de Cardeal da Silva, sendo também membro do Conselho Municipal de Política Cultural-CMPC (2017-2021).